



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO**

**MAGNO DA NÓBREGA LISBOA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: TESSITURAS DOS 50 ANOS DO CURSO DE  
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2023**

**MAGNO DA NÓBREGA LISBOA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: TESSITURAS DOS 50 ANOS DO CURSO DE  
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DECOM) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ada Kesea Guedes Bezerra.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L769h Lisboa, Magno da Nobrega.  
História e memória: tessituras dos 50 anos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) [manuscrito] / Magno da Nobrega Lisboa. - 2023.  
72 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra, Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Comunicação Social. 2. Jornalismo. 3. DECOM. 4. UEPB. 5. 50 anos. I. Título

21. ed. CDD 070.1

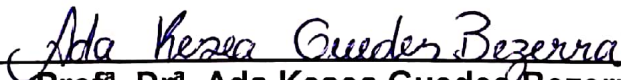
# MAGNO DA NÓBREGA LISBOA


## HISTÓRIA E MEMÓRIA: TESSITURAS DOS 50 ANOS DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

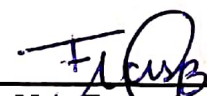
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DECOM) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em 28 de novembro de 2023.

### BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ada Kesea Guedes Bezerra  
DECOM – CCSA – UEPB  
(Orientadora)

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ingrid Farias Fachine  
DECOM – CCSA – UEPB  
(Examinadora)

  
Prof. Me. Francis Oliveira Bezerra  
DECOM – CCSA – UEPB  
(Examinador)

Dedico a conclusão desse curso de graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), à minha mãe Lúcia, por toda dedicação, incentivo e força para cumprimento deste objetivo acadêmico.

Ao meu pai “Zezão” (*in memoriam*) e à minha avó Maria da Paz (*in memoriam*), que foram minha base e todo apoio dado para a minha formação humana, acadêmica e intelectual.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de forma infindável a Deus, Aquele que é sabedoria divina da ciência. Sou grato por Ele me fazer forte, perspicaz e persistente. Nem consigo acreditar que estou redigindo esses agradecimentos referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Tentando resumir um pouco sobre minha jornada do curso de Jornalismo da UEPB, entrei no curso no semestre letivo de 2014.2 por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) do prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Dias antes para o início das aulas, fui chamado para trabalhar no horário das aulas do curso e, por precisar trabalhar, decidi cursar apenas um componente curricular para não perder a graduação. Diante desse cenário meu coeficiente de rendimento acadêmico diminuiu, ainda cursei 3 semestres, me matriculava a cada semestre e não cursava. Foi que no período letivo de 2019.2, por meio de nova seleção do SiSU/ENEM, Deus me proporcionou uma segunda chance de poder iniciar uma nova história no curso de Jornalismo da UEPB. Cursei um período em meio a seleção ao processo de mestrado acadêmico e ao exercício profissional. Fui aprovado no mestrado em Serviço Social da UEPB e, devido as aulas serem diurnas ou em período integral, tive que deixar o curso de Jornalismo novamente, dessa vez para me dedicar ao mestrado.

Ao iniciar as aulas da pós-graduação ocorreu a suspensão das aulas por causa da pandemia da COVID-19. Após alguns meses iniciaram as aulas remotas da graduação e decidi voltar ao curso de Jornalismo. Foi algo totalmente inovador para todos naquele determinado momento. Em seguida iniciaram as aulas do mestrado e, assim, fui conciliando. As aulas da graduação tornaram-se um processo terapêutico para mim diante dos dilemas de conciliar mestrado e trabalho e aqui estou agradecendo pela dádiva de seguir os desígnios divinos de Deus e poder conseguir a conclusão desse curso de graduação em Jornalismo que tanto amei. Uma pena ter chegado ao fim, de tão maravilhoso que foi. Porém, a alegria e a sensação de vitória por ter cumprido mais essa etapa é imensa e inacreditável. Deus sabe todas as coisas e tudo, realmente, é no tempo Dele.

Foram muitas (todas) noites em claro, dormindo poucas horas (duas ou três horas de sono) ou até mesmo tendo que “tirar direto” várias vezes para logo cedo

“correr” para o trabalho. Afinal, a correria, o cansaço, o esgotamento físico e mental foram tremendos. Senti na pele o quão foi sofrido e desafiador atrelar os estudos acadêmicos com a jornada de trabalho. O quão é difícil e desafiante ser um estudante trabalhador. Abduquei lazer, vida social, entre outros fatores. Os feriados e fins de semana tornavam-se dias preciosos para dar conta das obrigações acadêmicas. Entretanto, nesses dias de folga, tinha horas que o cansaço era tão grande que a exaustão física batia, mas minha fé em Deus e minha força de vontade foram maiores e propulsoras.

Além disso, torna-se necessário destacar tamanha gratidão por ter conseguido conciliar esse curso de graduação em Jornalismo com o mestrado em Serviço Social, ambos pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), da minha querida e estimada UEPB. Muito obrigado, meu Deus, por me fazer batalhador, guerreiro e resiliente para conseguir chegar até aqui! Afinal, por diversas vezes achava que não conseguiria concluir esse curso e, finalmente, consegui.

Aliás, ressalto, mais uma vez, minha gratidão a Deus, pois concluo minha terceira graduação na UEPB, onde cursei Letras, Serviço Social e agora Jornalismo, todos de forma regular, percorrendo quilômetros todos os dias para assistir as aulas na Universidade.

Agradeço a intercessão de Maria Santíssima, mãe de Jesus Cristo, que sempre foi minha medianeira nas orações e intercessões, iluminando e protegendo meu caminho, como também ao meu Anjo da Guarda, meu protetor, e a Santo Expedito, que tenho estimada devoção, bem como todos os anjos e santos que são meus intercessores nesta minha caminhada acadêmica.

Para conseguir galgar mais esse degrau na minha intensa trajetória acadêmica, foi necessário o apoio fundamental de pessoas importantes na minha vida, a começar pela minha base, ou seja, a minha família, na qual agradeço intensamente. Dessa forma, agradeço a minha mãe Maria Lúcia da Nóbrega, que me fornece todo apoio, força e incentivo para que eu não desista de nenhuma etapa. Sou grato por sempre estar ao meu lado, apoiando-me em todas as minhas decisões, dificuldades e conquistas, além de ser meu rochedo, minha aliada, minha medianeira. Gratidão por todo zelo, dedicação e todo amor empregado ao meu cuidado! Não tenho palavras para agradecer-te. Obrigado, Mainha!

Ao meu pai José Antônio da Nóbrega (*in memoriam*), que sempre fez questão em me apoiar nos meus estudos para meu crescimento como ser humano, me incentivando para eu seguir o caminho rumo ao conhecimento, sem medir esforços, me fornecendo grandes subsídios para os meus cumprimentos estudantis, sempre se preocupava em não perder o ônibus para que eu não faltasse às aulas da graduação em Letras e Serviço Social na UEPB. Tenho plena certeza de que onde estiverdes, estás orgulhoso de mim.

Agradeço também a minha avó Maria da Paz Nóbrega (*in memoriam*), que partiu no alvorecer de minha carreira acadêmica e foi um dos pilares de meu crescimento intelectual, educacional, acadêmico e pessoal. Sinto muito a falta de teu colo a me afagar quando eu mais necessitava. Fostes um grande apoio na minha existência e nas minhas conquistas. Sinto falta quando nos momentos de dificuldades escolares, eu pedia as tuas orações para que tudo fosse solucionado: “Vovó, reza pra eu passar na prova!”. Impossível esquecer de quando a senhora se emocionou ao me ver saindo de casa de malas prontas para me hospedar na casa dos meus amigos para a realização do vestibular.

De fato, tenho plena certeza de que ambos estão participando ativamente de minhas lutas e conquistas e que estão felizes e satisfeitos com mais uma conquista alcançada. Afinal, sou a continuidade do brilho de vocês, pai e avó. Minha gratidão por vocês é imensa. Sei que vocês estão felizes com essa etapa concluída. Muito obrigado, Painha e Vovó!

Agradeço à Cida, que me conduziu ao município de Campina Grande para me matricular no cursinho pré-vestibular da cidade, quando eu era um adolescente que sonhava em entrar na universidade.

À Cícero Batista Filho e à Kátia Bezerra da Silva que, devido a amizade existente durante a fase de pré-universitário, abriram as portas de suas residências para me acolher para a realização dos vestibulares em Letras e Serviço Social da UEPB e suas respectivas aprovações. A vocês meus sinceros agradecimentos!

À minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Ada Kesea Guedes Bezerra, que aceitou orientar essa pesquisa acadêmica sobre os 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB, que, por sinal, tornou-se tão desafiadora. Ada Guedes é uma verdadeira (F)Ada no Departamento de Comunicação Social (DECOM) da UEPB, um exemplo acadêmico a ser seguido por mim, como fonte de inspiração para ingresso em novos patamares



acadêmicos. Ela foi minha primeira professora no curso, tanto nas aulas presenciais quanto nas aulas remotas. Ser orientando de Ada é um grande privilégio.

À examinadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ingrid Farias Fechine (minha docente da monitoria, um ser humano de fé e de um coração imenso) e ao Prof. Me. Francis Bezerra (que tanto tive estima durante essa graduação em Jornalismo, sempre educado, paciente e atencioso), pelos valiosos apontamentos e sugestões para aperfeiçoamento desse trabalho monográfico.

De fato, tenho plena certeza que as sugestões e avaliações de Ingrid e Francis, serão grandiosas e de suma relevância para a concretização deste trabalho que coroa mais um crescimento intelectual, como também o término de mais uma conquista acadêmica em minha vida.

À docente aposentada Fátima Luna e ao docente em exercício e coordenador do DECOM, Orlando Ângelo que, dentre os professores listados para colaboração desta pesquisa, aceitaram participar das entrevistas e sempre estiveram dispostos para informações necessárias no tocante ao objeto de estudo deste trabalho monográfico.

Aos demais docentes pela contribuição na minha formação acadêmica e técnico-operativa no âmbito do jornalismo.

Aos técnicos-administrativos do DECOM pelos incontáveis reajustes e pedidos de dispensas de componentes curriculares e, principalmente, à Heráclito Marques, um anjo de Deus enviado para o departamento, sempre solícito, prestativo e atencioso, que também colaborou com o fornecimento de dados para essa pesquisa.

Às minhas primeiras professoras, Lânia Kátia Câmara e Luzia Evangelista Rangel, por me ensinarem as primeiras letras no Colégio Municipal Severino Marinheiro do município de Juazeirinho - PB (que, por sinal, também comemora 50 anos de fundação), como também aos demais professores que contribuíram e continuam contribuindo para minha vida pessoal, artística, acadêmica e profissional.

À UEPB por me proporcionar um arsenal de conhecimento através da diversidade de saberes científicos proporcionados por esta amada Universidade.

Aos colegas do curso de Jornalismo da UEPB, principalmente àqueles que criaram maior apreço nessa jornada acadêmico-jornalística, em especial Eduardo Gomes (o considero como meu anjo jornalístico, que tanto me apoiou no processo

de defesa pública dessa pesquisa monográfica e que ama, junto comigo, lembrar os bons momentos de infância proporcionados pela mídia televisiva, como também pelos debates e reflexões acadêmicas); Ítalo Silva (pela nossa amizade genuína, pelas infundáveis conversas via *WhatsApp* e troca de opiniões); Ernandes Silva (por seu jeito cômico e alegre de ser que me contagia); Daiane Ramos (por sua prestatividade e parceria); Claudiane Britto, Danyelle Oliveira, Gabriel Diniz, Juliana Oliveira, Maylda Alves, Solange Gomes e Victória Carolina Almeida.

Também não poderia deixar de esquecer de Hellyangela Gonçalves, Juliana Farias, Maria Rosa (minha grande colega na época que o curso tinha a nomenclatura de Comunicação Social - Jornalismo), Renata Marinho, Thuca Kércia (que torceu pela minha aprovação no mestrado), bem como todos os estudantes de Jornalismo da UEPB que fizeram trabalhos acadêmicos comigo para cumprimento dos diversos componentes curriculares que cursei nos três turnos, haja vista que fui aluno desbloqueado, ou seja, assistia aulas em diversas disciplinas em períodos de cursos diferentes. Dessa forma, formam vários alunos que fizeram trabalhos comigo tanto em dupla quanto em grupo.

Aos demais colegas que conheci no DECOM e em eventos acadêmicos nas quais tornaram a minha jornada incrível tanto curso de Jornalismo quanto além da academia.

Aos amigos Alcione Ferreira (um grande presente que ganhei da universidade para a vida inteira), Ana Clara e Fabrício Lima.

Às pessoas que aceitaram participar das entrevistadas para a realização dos trabalhos acadêmicos do curso.

Ao motorista do transporte universitário de Juazeirinho, Armênio Maciel da Costa, quando as vezes pedia para me aguardar para que eu não perdesse aulas, como também pela condução com dedicação e segurança.

A todos que de algum modo contribuíram para a conquista de mais um objetivo que hoje se concretiza e que torcem verdadeiramente pelo meu sucesso.

Portanto, dentre estes fatores citados, só resta expressar a minha gratidão incondicional a todos.

Muito obrigado!

“A Escola de Jornalismo deve [...] exaltar os princípios, o conhecimento e a cultura [...]. Deve construir ideais, [...] e fazer da alma do jornalista a alma do jornal”.

(J. Pulitzer, 1904)

## RESUMO

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) no ano de 2023 comemora 50 anos de formação acadêmica e profissional no âmbito da Comunicação Social. Dessa forma, a referida pesquisa tem como objetivo abordar aspectos históricos da origem do curso de Jornalismo no mundo, em seguida no Brasil, até chegar ao estado da Paraíba, detendo-se ao cinquentenário do curso de Jornalismo da UEPB. O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) possui um viés de égide monográfica que consiste numa pesquisa de cunho bibliográfico e documental, com abordagem qualitativa, balizada na História Oral, que, por sua vez, utiliza como embasamento teórico as contribuições de José Marques de Melo (2009), estudioso da Comunicação; Erasmo de Freitas Nuzzi (1997), docente do primeiro curso de Jornalismo no Brasil, entre outros autores que abordam o surgimento dos cursos de Jornalismo no Brasil e no mundo, além do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Jornalismo da UEPB do ano 2016 que trata sobre a parte regimental do curso. No que se refere aos instrumentos utilizados como técnica para coleta de dados da pesquisa deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com alguns docentes do Departamento de Comunicação Social (DECOM) do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), que ao curso de Jornalismo da UEPB encontram-se vinculados e outros recentemente aposentados. Portanto, essa pesquisa visa registrar esse marco temporal histórico, uma vez que tornar-se-á de suma importância para o acervo histórico do curso de graduação, com a finalidade de tornar fonte de pesquisa acadêmica para estudantes, docentes e profissionais do Jornalismo egressos da UEPB.

**Palavras-chave:** Comunicação Social; Jornalismo; DECOM; UEPB; 50 anos.

## ABSTRACT

The Journalism course at the State University of Paraíba (UEPB) in 2023 celebrates 50 years of academic and professional training in the field of Social Communication. Thus, the aforementioned research aims to address historical aspects of the origin of the Journalism course in the world, then in Brazil, until reaching the state of Paraíba, focusing on the fiftieth anniversary of the UEPB Journalism course. This Course Completion Work (TCC) has a monographic bias that consists of bibliographic and documentary research, with a qualitative approach, based on Oral History, which, in turn, uses the contributions of José Marques de Melo as a theoretical basis (2009), Communication scholar; Erasmo de Freitas Nuzzi (1997), professor of the first Journalism course in Brazil, among other authors who address the emergence of Journalism courses in Brazil and around the world, in addition to the UEPB Journalism Course Pedagogical Project (PPC) in 2016 which deals with the regimental part of the course. With regard to the instruments used as a technique for collecting research data, it was done through semi-structured interviews that were carried out with some teachers from the Department of Social Communication (DECOM) of the Center for Applied Social Sciences (CCSA), who to the course of Journalism at UEPB are linked and others have recently retired. Therefore, this research aims to record this historical time frame, as it will become of utmost importance for the historical collection of the undergraduate course, with the purpose of becoming a source of academic research for students, teachers and Journalism professionals graduating from the UEPB.

**Keywords:** Social Communication; Journalism; DECOM; UEPB; 50 years.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1</b> – Antigo prédio da reitoria da URNE/UEPB.....                                      | 39 |
| <b>Figura 2</b> – Solenidade de estadualização da UEPB .....                                       | 41 |
| <b>Figura 3</b> – <i>Câmpus I</i> da Universidade Estadual da Paraíba .....                        | 42 |
| <b>Figura 4</b> – Documento de Resolução da criação do curso de<br>Comunicação Social da URNE..... | 44 |
| <b>Figura 5</b> – Antigo Departamento de Administração e Ciências Contábeis da UEPB.....           | 49 |
| <b>Figura 6</b> – Local onde funcionou o Colégio Anita Cabral.....                                 | 50 |
| <b>Figura 7</b> – Colégio Diocesano Pio XI .....   | 51 |
| <b>Figura 8</b> – Departamento de Comunicação Social no bairro São José .....                      | 52 |
| <b>Figura 9</b> – Departamento de Comunicação Social no bairro São José .....                      | 53 |
| <b>Figura 10</b> – Central de Integração Acadêmica (CIAc) da UEPB.....                             | 54 |
| <b>Figura 11</b> – Programa <i>Gente Nossa</i> .....   | 60 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABI** – Associação Brasileira de Imprensa
- API** – Associação Paulista de Imprensa
- CACOS** – Centro Acadêmico de Comunicação Social
- CAJOR** – Centro Acadêmico de Jornalismo
- CCJ** – Centro de Ciências Jurídicas
- CCT** – Centro de Ciências e Tecnologias
- CCSA** – Centro de Ciências Sociais Aplicadas
- CEDUC** – Centro de Educação
- CIAC** – Central de Integração Acadêmica
- CFE** – Conselho Federal de Educação
- CIESPAL** – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina
- CNE** – Conselho Nacional de Educação
- CODECOM** – Coordenadoria de Comunicação
- CONSEPE** – Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
- DCN** – Diretrizes Curriculares Nacionais
- DECOM** – Departamento de Comunicação Social
- DEIPs** – Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda
- DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DOU** – Diário Oficial da União
- Dr<sup>a</sup>.** – Doutora
- ECA** – Escola de Comunicação e Artes
- ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio
- FUNDACT** – Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica
- FURNE** – Fundação Universidade Regional do Nordeste
- ICINFORM** – Instituto de Ciências da Informação
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LTDA.** – Limitada
- Me.** – Mestre
- MEC** – Ministério da Educação
- PPGLI** – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
- PPGSS** – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

**PPC** – Projeto Pedagógico do Curso

**PUC-SP** – Pontifícia Universidade de São Paulo

**SiSU** – Sistema de Seleção Unificada

**TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso

**TICs** – Tecnologias da Informação e Comunicação

**TV** – Televisão

**UAMA** – Universidade Aberta à Maturidade

**UEPB** – Universidade Estadual da Paraíba

**UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande

**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UNB** – Universidade de Brasília

**UNICAP** – Universidade Católica de Pernambuco

**URNE** – Universidade Regional do Nordeste

**USP** – Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>16</b> |
| <b>2 O JORNALISMO PENSADO COMO ÁREA DE CONHECIMENTO .....</b>  | <b>20</b> |
| <b>2.1 Surgimento e implementação dos cursos de Jornalismo a nível mundial.....</b>  | <b>20</b> |
| <b>2.2 Institucionalização do ensino de Jornalismo no Brasil .....</b>   | <b>23</b> |
| <b>2.3 Leis e regulamentações do ensino de Jornalismo no Brasil .....</b>  | <b>31</b> |
| <b>2.4 O primeiro curso de Jornalismo na região Nordeste.....</b>  | <b>38</b> |
| <b>2.5 A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) .....</b>   | <b>39</b> |
| <b>3 O CURSO DE JORNALISMO DA UEPB.....</b>  | <b>44</b> |
| <b>3.1 Fundação do curso de Comunicação Social - Jornalismo .....</b>  | <b>44</b> |
| <b>3.2 Os caminhos percorridos pelo Departamento de Comunicação Social<br/>(DECOM) da UEPB .....</b>                             | <b>49</b> |
| <b>3.3 O curso de Jornalismo da UEPB ontem e hoje .....</b>  | <b>55</b> |
| <b>3.4 A Coordenadoria de Comunicação (CODECOM) .....</b>  | <b>64</b> |
| <b>3.5 Homenagem póstuma aos eternos docentes que contribuíram ao longo dos<br/>50 anos do curso de Jornalismo da UEPB .....</b> | <b>65</b> |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>69</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>71</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta como finalidade abordar a respeito da história do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), haja vista que, no ano de 2023, o curso de graduação comemora 50 anos de formação acadêmica e profissional na contribuição da comunicação paraibana.

Partindo dessa perspectiva, a proposta de realização de tal pesquisa deu-se devido a elaboração de relatório de Estágio Supervisionado realizado na Coordenadoria de Comunicação (CODECOM) no período letivo de 2021.2, que ocorreu entre os meses de novembro de 2021 a março de 2022. Assim sendo, em cumprimento às exigências deste componente curricular, no relatório deveria constar a história da instituição na qual o estágio foi realizado e, como a CODECOM é vinculada à UEPB, logo foi feito levantamento histórico da referida instituição de ensino universitário.

Dessa forma, foi objetivado tecer acerca da importância de pesquisar sobre a história do curso de Jornalismo. A esse respeito foi diagnosticado que o curso de Comunicação Social - Jornalismo da UEPB foi fundado no ano de 1973 e tornou-se instigante pesquisar sobre a história do curso e tornar algo sublime para o enriquecimento histórico e documental do DECOM, como também da UEPB.

Outro fator de suma importância que instigou a realização da pesquisa sobre a história do curso de Jornalismo foi que o componente curricular Laboratório de Jornalismo Digital trabalha desde o ano de 2022 a respeito do Jubileu de Ouro do curso de graduação, por meio do projeto Meio Século idealizado pelo aluno Hélio Andrade e, logo, aprovado pelos demais colegas e docente da disciplina em questão. A proposta do projeto Meio Século consiste na produção de pautas, reportagens, *podcasts*, *site*, revistas, entre outras atividades inerentes à história do curso de bacharelado em Jornalismo da UEPB até os dias atuais.

Como 2023 é o ano do cinquentenário do curso de Jornalismo da UEPB é de grande relevância realizar uma pesquisa sobre a história desse curso para enriquecimento histórico e cultural da Comunicação Social. Assim, a presente pesquisa tem como finalidade realizar um levantamento histórico, por meio de uma pesquisa de cunho monográfico, do referido curso de graduação que formou profissionais da Comunicação Social ao longo de meio século de existência no

âmbito acadêmico paraibano. Tal pesquisa também visa registrar a constituição dessa memória, uma vez que tornar-se-á de suma importância para o acervo histórico com a finalidade de contribuir como fonte de pesquisa acadêmica para estudantes, docentes e profissionais do Jornalismo.

De início, foi realizado levantamento documental e analítico dos documentos pesquisados, como, por exemplo, o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Jornalismo da instituição. Por conseguinte foram feitos levantamentos historiográficos com base nos referenciais dos autores Hime (1998), Mattos (2007), Melo (2009), Nuzzi (1997), entre outros que abordam a história da criação do curso de Jornalismo, a nível mundial e no Brasil.

No que se refere aos dados da pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos da pesquisa que foram docentes que lecionaram no DECOM, bem como alguns docentes que encontram-se em pleno exercício no referido departamento. Conforme Minayo (2010), a entrevista tomada no sentido amplo de expressão verbal e no aspecto restrito da coleta de dados sobre determinado tema, é, pois, o método mais utilizado nos procedimentos de trabalho de campo.

Torna-se mister salientar que a presente pesquisa monográfica possui abordagem qualitativa. Nesse sentido, Minayo (2010) afirma que

se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2010, p. 21-22).

Além da abordagem qualitativa, também foram utilizados como aparatos para os dados da pesquisa testemunhos por meio da História Oral. Dessa forma, torna-se importante salientar que a História Oral, de acordo com Araújo e Santos (2007) *apud* Silva (2014), consiste em uma importante metodologia para o pesquisador recuperar aspectos particulares de cada pessoa, mas simultaneamente aciona uma lembrança coletiva, haja vista que, conforme cada um conta a sua história, essa pessoa se mostra em torno de uma conjuntura sócio-histórica, uma vez que deve ser respeitada. Desse modo, a pesquisa com base na História Oral para Alberti (2006), consiste em

uma metodologia de pesquisa e de construção de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participam de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (ALBERTI, 2006, p. 156).

Tomando como base a afirmação acima, é correto afirmar que a História Oral apresenta como finalidade angariar a memória do passado esquecido ou silenciado pelo transcorrer do tempo, por meio de entrevistas com pessoas que vivenciaram ou conheceram determinado fato. Afinal,

[...] Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu (ALBERTI, 2006, p. 170).

Relacionado esse excerto de Alberti (2006) ao âmbito do Jornalismo, a pesquisa utilizando o método da História Oral proporciona ao entrevistador e ao entrevistado reviver momentos do passado, resgatando memórias, tornando algo instigante para quem está realizando a pesquisa oral. Para Nora (1993) “a memória é a vida, [...] nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 9). Le Goff (1994) afirma que por meio da memória pode-se trazer o passado para o momento presente, ressignificando, como também reconstituindo os aspectos históricos.

No que concerne à análise dos dados, os mesmos foram submetidos à análise de conteúdo na qual permitiu análise crítica das respostas dos sujeitos envolvidos na pesquisa, com a finalidade de apresentar os significados implícitos e explícitos da fala das pessoas entrevistadas.

Assim, este trabalho monográfico está estruturado em 2 capítulos. O primeiro sobre **“O jornalismo pensado como área de conhecimento”**, tece minuciosamente abordagens historiográficas a respeito do surgimento e implementação dos cursos de Jornalismo, como formação acadêmico-científica, tanto no mundo quanto no Brasil, as leis e regulamentações sobre a formação em Jornalismo no Brasil, o primeiro curso de Jornalismo na região Nordeste e a criação do curso de Jornalismo no estado da Paraíba. O segundo capítulo intitulado **“O curso de Jornalismo da UEPB”**, aborda a respeito da fundação do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB, os caminhos percorridos pelo departamento, os desafios e avanços conquistados pelo referido

curso de graduação desde a implementação aos dias atuais, a criação da Coordenadoria de Comunicação (CODECOM), encerrando com uma saudosa homenagem em memória aos professores falecidos que contribuíram deixando, assim, um grande legado para a formação acadêmica e profissional de diversos jornalistas oriundos da UEPB.

## 2 O JORNALISMO PENSADO COMO ÁREA DE CONHECIMENTO

### 2.1 Surgimento e implementação dos cursos de Jornalismo a nível mundial

O jornalismo enquanto campo de estudo, pensado pela vertente do âmbito acadêmico de ensino universitário, conforme Marques de Melo (2004), inicia-se entre os séculos XVII e XIX nos países europeus, tais como: Alemanha, França e Suíça. No entanto, é consolidado durante o século XX, nos Estados Unidos. Desse modo, “a legitimação do Jornalismo enquanto área do conhecimento pela comunidade acadêmica reflete historicamente o processo de institucionalização social da profissão informativa” (MARQUES DE MELO, 2004, p. 74).

Para o autor, devido ao jornal diário ter causado grande impacto social na Europa, foi pensada a incursão do Jornalismo no cenário universitário com a finalidade de torná-lo uma área de pensamento intelectual. Segundo esse autor,

coube institucionalmente à Universidade de Leipzig e pessoalmente a Tobias Peucer a primazia dessa inovação cognitiva, estimulando uma série de estudos que procuram desvendar o tecido social da imprensa e o protagonismo daqueles precoces artífices das cadeias noticiosas (MARQUES DE MELO, 2003 *apud* MELO, 2009, p. 75).

Conforme essa afirmação, Tobias Peucer é considerado o precursor dos estudos jornalísticos, num período no qual as primeiras escritas jornalísticas eram marcadas por conteúdos elitistas para pessoas de cultura erudita. Marques de Melo (2004) destaca que é em meados do século XX, que a formação profissional em Comunicação se consolida, tendo em vista o contexto do período pós-guerra.

Do ponto de vista do jornalismo como institucionalização social, Nixon (1963) citado por Marques de Melo (2004) afirma que ocorreu diferenças entre o jornalismo americano e o jornalismo europeu. Nesse sentido, Melo (2009)<sup>1</sup> destaca que no processo de eclosão da formação do ensino jornalístico houve um distanciamento de mais de 50 anos entre a América e a Europa. Na Europa, a primeira experiência do ensino universitário de Jornalismo surge no ano de 1806, mais especificamente na Alemanha, pela Universidade de Breslau. No continente americano, somente em 1869 se inicia a formação do espaço acadêmico para o curso de Jornalismo na

---

<sup>1</sup> O autor José Marques de Melo é um estudioso da Teoria da Comunicação, principalmente em relação à história do jornalismo como campo do conhecimento científico. Portanto, o livro *Jornalismo: compreensão e reinvenção*, publicado no ano de 2009, é composto por muitas informações no tocante à eclosão do curso de graduação em Jornalismo nas instituições de ensino superior no Brasil.

cidade de Virgínia, nos Estados Unidos, pelo *Washington College*, fundado pelo General Robert E. Lee. Com base nisso,

o curso europeu tinha perfil academicista, orientando-se no sentido de alavancar uma “ciência da imprensa”. Por sua vez, o curso norte-americano era mais modesto, pretendendo simplesmente “aperfeiçoar tipógrafos”, ou seja, ampliar seu conhecimento no âmbito das artes e das ciências (MELO, 2009, p. 76).

De acordo com o excerto acima, o supracitado autor destaca que o desenvolvimento de programas de ensino jornalístico nos Estados Unidos e na Europa teve suas peculiaridades, mas ocorreram simultaneamente. Nixon (1963) enfatiza importantes marcos históricos ocorridos na Europa:

Após a ofensiva alemã do começo do século XIX, a vanguarda passa a ser assumida pela Suíça, onde o professor Karl Bucher profere conferências sobre “ciências da imprensa”, na Universidade de Besle (1884-1890), inspirando, a partir de 1903, um curso permanente na Universidade de Zurich (NIXON, 1963 *apud* MELO, 2009, p. 77).

Durante esse período histórico de eclosão do Jornalismo como área de conhecimento, em Paris, na França, no ano de 1899, é fundada por Albert Batailler, a Escola Superior de Jornalismo, primeira escola europeia da área. Esse fundador procura uma importante parceria com o jornal *Le Figaró*, evidenciando, assim, que “o ensino profissional dos jornalistas representava uma contingência conjuntural” (MELO, 2009, p. 77). É interessante compreender que nessa época, o jornalismo era panfletário, ou seja, não existia apenas um jornal de maior importância. A não ser os diários de comunicação do Estado, ou grupos de literatos, como revistas literárias. Porém, muitos homens de negócios, trabalhadores, tinham seus mecanismos de publicização de ideias. Karl Marx, por exemplo, tinha participação na *Gazeta Renânia* e nos manifestos que publicava em “jornais” para classes trabalhadoras.

Vale ressaltar que a iniciativa para a criação da Escola Superior de Jornalismo, em Paris, surge a partir do V Congresso Internacional da Imprensa, ocorrido em Lisboa no ano de 1898. Melo (2009) faz uma ressalva que, embora a criação da primeira escola de Jornalismo tenha sido em Paris, por intermédio do patronato jornalístico da França, “os norte-americanos se orgulham ao lembrar que as primeiras escolas de jornalismo dentro da universidade surgiram no território dos Estados Unidos” (MELO, 2009, p. 96).

Contudo, Melo (2009) assinala que na Alemanha foi onde o ensino de Jornalismo permanecia mais consolidado, haja vista que Karl D'Esther defende tese de doutorado em Jornalismo, em 1907, na Universidade de Munster.

Pouco tempo depois, ele seria chamado para dirigir projeto semelhante na Universidade de Munique, convertendo-se, em 1924, no primeiro catedrático alemão de *Zeitungswissenschaft*. Tais ações fizeram reviver os estudos jornalísticos na Universidade de Leipzig, agora sob a liderança de Karl Bucher, que retornava da Suíça, instalando naquela cidade, em 1916, o primeiro instituto universitário de ciência da imprensa (NIXON, 1963 *apud* MELO, 2009, p. 77).

Melo (2009) expõe que, em 1904, Pulitzer aborda acerca do ensino de Jornalismo na revista *North American Review*, no ensaio *The College of Journalism*:

Nada de ensinar tipografia ou gerência, nada de reproduzir com triviais variações o curso de uma escola comercial. Isto não é de âmbito universitário! A ideia é a de trabalhar para a comunidade, e não para o comercio, e não para o indivíduo, mas unicamente para o público. A Escola de Jornalismo deve ser, no meu conceito, uma escola não-comercial e mesmo anti-comercial. Deve exaltar os princípios, o conhecimento e a cultura às expensas do negócio, se necessário. Deve construir ideais, mantendo a contabilidade no seu lugar, e fazer da alma do jornalista a alma do jornal (RIZZINI, 1953 *apud* MELO, 2009, p. 78-79).

Essa problemática a respeito da natureza do ensino de Jornalismo norte-americano, conforme Melo (2009), perdurou durante um século e isso proporcionou a formação de dois modelos de formação acadêmica:

A escola de pós-graduação, adotada a partir de 1912 pela Universidade de Columbia – que acabou sendo beneficiária da doação milionária de Pulitzer –, e a escola de graduação, implementada em 1908 pela Universidade de Missouri. A primeira destina a preparar editores e analistas para a grande imprensa, recrutando estudantes com formação prévia em outros campos do conhecimento. A segunda pretende formar repórteres para a pequena imprensa, tanto assim que criou um jornal-laboratório – *The Daily Missourian* – com circulação diária na comunidade em que funcionava a universidade, sob a responsabilidade dos seus professores e alunos (MARQUES DE MELO, 1973 *apud* MELO, 2009, p. 79).

O supracitado autor ressalta que a Universidade de Missouri institui a primeira escola de graduação em Jornalismo em nível de bacharelado, considerada como um modelo de escola para o continente americano, e a Universidade de Columbia, na cidade de Nova York, a primeira escola de pós-graduação *stricto sensu* a nível de mestrado.



## 2.2 Institucionalização do ensino de Jornalismo no Brasil

O primeiro curso de Jornalismo do Brasil surge mediante as ressignificações da imprensa tanto da evolução dos instrumentos de trabalho quanto da produção jornalística que necessitava de mão de obra amplamente qualificada sem improvisos e amadorismo. Nesse sentido, foi necessário pensar numa formação universitária, embora tenha existido pessoas que primavam pela formação jornalística em exercício, ou seja, uma espécie de formação continuada para as pessoas que trabalhavam na imprensa.

Melo (2009), destaca que a proposta de ensino para o jornalismo no Brasil foi mencionada por Gustavo de Lacerda na fundação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no ano de 1908. A esse respeito, Nuzzi (1997), autor do livro de edição comemorativa alusiva ao cinquentenário da primeira faculdade de Jornalismo do Brasil intitulado *História da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero*, afirma que:

Gustavo Lacerda, brilhante jornalista nascido em Santa Catarina, idealizador da entidade<sup>2</sup> e seu primeiro presidente, ao tomar posse, em 7 de abril de 1908, propunha em seu discurso que se criasse, em nosso país, uma escola de formação de jornalistas, para que “a profissão de redator ocupasse o lugar de relevo que lhe cabia entre as demais atividades” e o “Jornalismo deixasse de ser – como então ocorria – uma profissão subalterna” (NUZZI, 1997, p. 20).

Nuzzi complementa dissecando sob forma figurativa que a semente de criação do curso de Jornalismo foi plantada em 1908. Porém, tal autor afirma que foi inicialmente germinada em 1915, no momento em que os gestores da ABI elaboraram um projeto para o curso de Jornalismo, mas que não logrou êxito. Contudo, 10 anos depois da proposta de fundação do curso de Jornalismo no país, ou seja, em 1918, João Guedes de Melo<sup>3</sup>, quando coordenou o I Congresso Brasileiro de Jornalistas, reiterou a proposta de criação da formação para o Jornalismo. Diante desse contexto,

O sonho voltou durante o 1º Congresso dos Jornalistas realizado no Rio de Janeiro, no período de 10 a 14 de setembro de 1918, quando a proposta de

---

<sup>2</sup> A Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

<sup>3</sup> Ao assumir a presidência da ABI, fundou o Retiro dos Jornalistas, além de concretizar o Congresso Brasileiro de Jornalistas e a Escola de Jornalistas.

1915 rerepresentada e aprovada com o maior entusiasmo pelos participantes do certame, mas não se materializou. A Associação Brasileira de Imprensa transformou essa reivindicação em tema permanente do seu programa de ação, jamais deixando de tentar despertar o interesse e a boa vontade das autoridades federais no sentido de tornar realidade a criação do Curso Superior de Jornalismo (NUZZI, 1997, p. 20).

No entanto, após 20 anos, apenas no ano de 1938, o então Presidente da República, Getúlio Vargas, oficializou o ensino de Jornalismo no sistema educacional do país, baixando um decreto instituindo o curso no sistema de ensino superior<sup>4</sup>. Tomando como base esse contexto histórico, Hime (2005) ressalta que:

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos florescem os estudos de Teoria da Comunicação, motivados pelo crescimento da propaganda política, a imprensa brasileira, durante a Era Vargas, toma consciência de sua força política e passa a questionar o valor de sua missão, como demonstra a proliferação de congressos e seminários, promovidos pelas inúmeras associações e entidades de classe, a maioria delas recém-criadas (HIME, 2005, p. 2).

Um aspecto histórico que merece ser destacado, segundo Hime (2005), foi a realização, no ano de 1933, do I Congresso da Imprensa do Estado de São Paulo, no qual foi constituída a Associação Paulista de Imprensa (API) que tinha como objetivo defender os interesses dos jornalistas e a luta por direitos trabalhistas.

É nesse contexto que Hime (2005) afirma que ocorrem o fortalecimento de importantes debates acerca da formação profissional dos jornalistas, o que outrora era algo sempre colocado a posteriori. A partir disto se inicia a discussão em prol da organização de escolas e cursos de formação profissional que, por sua vez, deveriam ser ofertados pela API. Desse modo, a organização desses cursos de qualificação tinha como finalidade cumprir com a “[...] missão de esclarecedor e orientador da opinião pública” (LEUENROTH, 1987 *apud* HIME, 2005, p. 3). Para a autora, devido ao desempenho cultural do trabalho da imprensa à sociedade, tornou-se imprescindível a ampliação de conhecimentos para os jornalistas.

---

<sup>4</sup> Embora tenha ocorrido a oficialização, em 1938, conforme Marques de Melo (1994) citado por Nuzzi (1997), o Ministério da Educação protelou durante quase 10 anos a concretude do curso de Jornalismo. Desse modo, “em 13 de maio de 1943, Vargas atenderia aos clamores da ABI, determinando a criação de um Curso de Jornalismo anexo à Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro” (MARQUES DE MELO, 1994 *apud* NUZZI, 1997, p. 23). Entretanto, Nuzzi ressalta que a instalação da graduação em Jornalismo na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi feita apenas no ano de 1948, um ano depois do início do curso de Jornalismo da Fundação Cásper Líbero.

Nesse sentido, para que a institucionalização do curso de graduação em Jornalismo ocorresse, Nuzzi (1997) assinala que nos anos de 1935 e 1937, o governador do Distrito Federal do Rio de Janeiro<sup>5</sup>, Pedro Ernesto, teve a iniciativa de fundar a Universidade do Distrito Federal (UDF) e no objetivo de criação dessa nova universidade brasileira, estava a criação do curso de Jornalismo. Desse modo, convidou o educador Anísio Teixeira<sup>6</sup>, que, por sua vez, convidou o editor do jornal *Correio da Manhã*<sup>7</sup>, figura ilustre da imprensa do Rio de Janeiro, o jornalista Pedro da Costa Rego, para organização do curso superior de Jornalismo no Brasil. Assim, mais detalhadamente,

isso ocorre em um momento em que a ideia de formar jornalistas na academia ainda não lograra consenso no conjunto da sociedade. A primeira experiência universitária em nosso campo mostrou-se efêmera. Ao criar a Universidade do Distrito Federal – UDF, em 1935, Anísio Teixeira abriu suas portas às profissões emergentes. Uma cátedra de jornalismo, sob a tutela do eminente jornalista Costa Rego, chegou a ser instalada. Mas a iniciativa suscitou polêmica no interior da corporação jornalística, e apenas três alunos se matricularam nessa carreira. Um deles foi Prudente de Moraes Neto<sup>8</sup>, mais tarde um dos próceres da categoria, chegando a presidir a ABI. Com o fechamento da UDF em 1939 pelo ditador Vargas, esse embrião do ensino superior de Jornalismo foi abortado (MELO, 2009, p. 94).

Torna-se importante destacar que Costa Rego, também dirigente da ABI, ao implementar o primeiro curso de Jornalismo no Brasil na extinta UDF, possuía filiação com o sistema de ensino voltado ao modelo francês. Embora Vargas tenha oficializado o ensino de Jornalismo, acaba comprometendo essa formação ao fechar a UDF, algo comum ocorrido nas ditaduras varguista e militar que era limitar/minimizar o pensamento crítico e a liberdade de expressão da população.

Quando tudo indicava que o sonho de Gustavo Lacerda iria concretizar-se, ocorreu o golpe do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, desfechado pelo então Presidente da República Doutor Getúlio Vargas, que implantou um período de regime ditatorial no Brasil somente derrubado em outubro de 1945, quando o ditador foi deposto (NUZZI, 1997, p. 20)<sup>9</sup>.

<sup>5</sup> Vale ressaltar que nessa época o Distrito Federal localizava-se na cidade do Rio de Janeiro - RJ no período compreendido entre 1891 a 1960.

<sup>6</sup> Anísio Teixeira defendia uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade para todos os brasileiros. Foi uma das personalidades ilustres da educação brasileira, nas décadas de 1920 e 1930, na qual difundiu os pressupostos do movimento da Escola Nova, que visava acabar com o ensino tradicional e primava respeito à diversidade e incentivo à reflexão e à criticidade.

<sup>7</sup> O jornal *Correio da Manhã* foi um periódico brasileiro publicado no Rio de Janeiro, entre 15 de junho de 1901 a 8 de julho de 1974.

<sup>8</sup> Prudente de Moraes Neto foi jornalista, crítico literário, jurista, cronista, poeta e professor.

<sup>9</sup> O autor ainda enfatiza que “o Estado Novo [...] submeteu nosso país a uma ditadura civil, com o fechamento do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas, das Câmaras Municipais, a

Devido o período de fechamento da UDF, a necessidade pela formação sistematizada de jornalistas era, por sua vez, demasiada (MELO, 2009). Desse modo, Vitorino Prata Castelo Branco cria o Curso Livre de Jornalismo, no ano de 1943, em São Paulo. Isso atraiu jovens que almejavam trabalhar como jornalistas. O curso era considerado inovador e arrojado, composto por duas modalidades: ensino presencial no auditório da Associação Paulista de Imprensa (API) e ensino a distância, que nessa época era realizado por meio de correspondência. Porém, Melo (2009) destaca que esse projeto formativo de Jornalismo esbarrou na corporação dos jornalistas paulistas, nas quais reagiram de forma abrupta.

Lideranças do sindicato dos jornalistas usaram o poder de influência que possuíam junto ao aparato policial, denunciando o professor responsável como charlatão. Intimidado a depor e atemorizado pela perseguição sofrida, inclusive com ofensas veiculadas pela imprensa e radiodifusão, Vitorino capitulou, desativando o Curso Livre. Dele só restou a memória, porque em 1945 o autor reuniu todas as aulas em um só volume, que editou por conta própria, fora do mercado livreiro, discretamente comercializado pelo sistema de reembolso postal (MELO, 2009, p. 94).

O autor ressalta que há cerca de 100 anos a formação direcionada para o ensino de Jornalismo no Brasil perpassa por intensos desafios. Sendo assim, somente no contexto do pós-guerra, no momento pelo qual a indústria brasileira conquistava o apogeu, o ensino regular de Jornalismo era inserido no âmbito universitário. Com o surgimento da indústria cultural no cenário nacional, as agências de jornalismo tornaram-se um tipo de mola mestra.

Então, a demanda por jornalistas de nível universitário passou a ser alavancada pelos empresários, cujo poder de persuasão junto ao Estado mostrou-se eficaz. Rapidamente o Ministério da Educação regulamentou a legislação vigente, possibilitando a implantação das primeiras unidades de ensino (MELO, 2009, p. 94-95).

Como é possível perceber, a industrialização brasileira após a segunda guerra mundial estava a todo vapor, principalmente na vertente cultural e, nesse

---

extinção dos partidos políticos e a imposição de uma rigorosa censura aos meios impressos e radiofônicos, mediante ação repressiva do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda e dos DEIPs – Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda, arremedos mal feitos do Ministério da Informação e Cultura, criado pelo regime hitlerista na Alemanha nazista e chefiado por Joseph Goebbels, a partir de 1933” (NUZZI, 1997, p. 21).

sentido, as empresas jornalísticas proporcionaram um poder de incentivo na esfera da União para a criação do curso de cunho superior em Jornalismo.

De acordo com Hime (2005), o jornal vespertino *A Gazeta* prestou grande apoio às organizações de congressos e espaços de discussão acerca do exercício profissional dos jornalistas, direitos trabalhistas, dentre outros assuntos inerentes às condições laborais e, principalmente, no tocante à implantação de uma escola de Jornalismo no Brasil. No ano de 1940, conforme Hime (2005), Cásper Líbero organizou a Semana do Jornalista, que teve como propósito promover debates sobre a origem do jornalismo, trabalho profissional, planos futuros para a área, entre outros fatores. A autora afirma que 2 anos depois *A Gazeta*<sup>10</sup> apoiou a organização do I Congresso dos Jornalistas Profissionais, que teve como pauta a abordagem de assuntos como a definição do jornalista, de condições profissionais e salariais, legislação, a escola de Jornalismo, entre outros assuntos.

É nesse contexto que surge, no ano de 1947, em São Paulo - SP, por intermédio do jornal *A Gazeta*, a primeira escola de Jornalismo, a Escola de Jornalismo Cásper Líbero, atualmente denominada Faculdade Cásper Líbero, cujo nome em homenagem ao jornalista, advogado de formação e empresário no âmbito da comunicação, considerado comprometido com a consolidação do jornalismo, como também com a formação acadêmica e profissional da comunicação brasileira, que tinha o desejo de fundar uma escola de Jornalismo. Inicialmente, conforme Melo (2009), tal instituição, de início, era conveniada com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A viabilização da escola de Jornalismo cabe aos seus testamentários. Estes buscam o abrigo da Universidade Católica, não somente pelas restrições legais existentes na época, que dificultavam o funcionamento de instituições isoladas de ensino superior mantidas pela iniciativa privada (MELO, 1994 *apud* NUZZI, 1997).

Todavia, Melo (1994) *apud* Nuzzi (1997) expõe que a razão de buscar suporte com a instituição universitária católica diz respeito ao sentido pelo qual as normais legais da época da fundação do curso de Jornalismo determinavam que a referida graduação tivesse funcionamento na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento da Universidade Católica de São Paulo. Desse modo, isso reverberou na

---

<sup>10</sup> Jornal impresso que iniciou a circulação no dia 16 de maio de 1906, pertencente ao jornalista Cásper Líbero.

identidade do jornal *A Gazeta*, tendo em vista que as autoridades eclesiais de São Paulo regiam o estabelecimento religioso de ensino.

No que concerne aos trâmites para a fundação da escola de Jornalismo, Hime (2005) expõe que

entre as propostas relatadas estão a de realizar provas eliminatórias de aptidão para ingresso no curso de jornalismo. Os cursos, aliás, deveriam ser dirigidos não apenas aos interessados em ingressar na profissão, mas aos que, já estando nela, precisassem se aperfeiçoar. O Congresso recomenda ao Sindicato nomear uma comissão de três jornalistas, um pedagogo e um técnico em ensino profissional, para a elaboração do programa da futura escola, bem como efetuar os estudos necessários para a criação e manutenção da escola (HIME, 2005, p. 4).

Outro aspecto que se tornou decisivo para a fundação da escola de Jornalismo no Brasil foi a participação de Cásper Líbero na primeira edição do Congresso Panamericano de Imprensa<sup>11</sup>, no ano de 1929, na cidade de Washington, nos Estados Unidos. Nesse evento, Líbero apresenta um panorama do serviço da imprensa brasileira, desde os pequenos aos grandes periódicos. A participação dele nesse congresso “marca o início de reflexões aprofundadas sobre a função social do jornalismo, um dos pilares de sustentação do seu projeto jornalístico, que incluiu a fundação da Escola” (HIME, 2005, p. 4).

No ano de 1948 o ensino de formação universitária em Comunicação surge no Rio de Janeiro - RJ, na Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tal feito foi reivindicado pela ABI, desde 1918, durante o I Congresso Brasileiro de Jornalismo. Entretanto, apenas em 1948 o curso foi instituído, ou seja, no Rio de Janeiro, o curso de Jornalismo é consolidado 30 anos após o início da luta pela institucionalização formativa em prol da legitimação profissional. Mattos (2007) enfatiza que as primeiras escolas de Jornalismo no Brasil surgem mediante o processo de redemocratização nacional, uma vez que replicavam os paradigmas ocorridos nesse determinado contexto histórico brasileiro.

Vale ressaltar que o curso de Jornalismo no Brasil inicia-se baseado nos moldes do ensino americano e europeu. Conforme Sérgio Mattos (2007), durante o início do ensino do curso de Jornalismo no Brasil tinha como base pedagógica a literatura dos Estados Unidos. No entanto, nos anos de 1940 surgiu a construção de uma metodologia de ensino com base na realidade social brasileira. Sendo assim, “a

---

<sup>11</sup> Conforme Hime (2005), tal congresso realizou a primeira edição em 1929 e a segunda edição em 1943, em Cuba.

experiência paulista alinhava-se mais com o modelo norte-americano” (RIZZINI<sup>12</sup>, 1952 *apud* MARQUES DE MELO, 2007, p. 19). Em relação à primeira escola no Rio de Janeiro - RJ, “o empreendimento carioca demonstrava maior sintonia com o modelo francês” (JOBIM, 1960 *apud* MARQUES DE MELO, 2007, p. 19).

Com base nessas informações, Marques de Melo (2007) afirma que as primeiras escolas de ensino do Jornalismo no Brasil refletiam a real necessidade de informação que o país enfrentava, tendo em vista a libertação do período de censura dos sistemas de comunicação ocorrido durante o período do Estado Novo, no governo de Getúlio Vargas. Nesse caso, os veículos de comunicação necessitavam de amplitude da liberdade de imprensa com plena determinação para serem inseridos nos espaços de abertura proporcionados pelo regime democrático.

Portanto, conforme Marques de Melo (1994) *apud* Nuzzi (1997), havia grande demanda de pessoas habilitadas para o exercício profissional com a finalidade de melhorar o desempenho do trabalho da imprensa brasileira na época. Dessa forma, “[...] a escola de jornalismo impunha-se como o instrumento necessário para solucionar tal impasse, treinando novas vocações de acordo com a plataforma editorial, ética e política vigente nas suas empresas” (MARQUES DE MELO, 1994 *apud* Nuzzi 1997, p. 24). Desse modo, com a finalidade de proporcionar um dinamismo nas atividades inerentes à comunicação, foi necessário a busca por novos profissionais desde que fossem egressos de formação universitária na área.

A década de 50 testemunhou a ampliação dessa área do conhecimento pelas regiões Sudeste (Santos) e Sul (Porto Alegre, Pelotas e Curitiba), bem como pelo Nordeste (Salvador e João Pessoa). Isso ocorreu apesar da reação desencadeada pelos velhos profissionais. Estes refugavam ostensivamente os jovens jornalistas diplomados, receando a competição inevitável no mercado de trabalho. Mas foi, sobretudo, na década de 60 que houve uma significativa expansão do ensino. O número de instituições triplicou, perfazendo o total de 23 escolas de superior que ofereciam cursos de comunicação. Não apenas no segmento do jornalismo, mas também da publicidade, cinema, relações públicas, rádio e televisão, etc. (MARQUES DE MELO, 1976 *apud* MARQUES DE MELO, 2007).

Tomando como base essa afirmação torna-se de suma importância enfatizar que durante a década de 1950, surge a primeira transmissão de TV no Brasil, graças

---

<sup>12</sup> Carlos Rizzini, importante pesquisador dos estudos sobre Jornalismo foi o responsável pela gestão acadêmico-administrativa das duas primeiras escolas de Jornalismo no Brasil, ou seja, a Escola de Jornalismo Cásper Líbero, conveniada com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, e a Escola de Jornalismo da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

à ousadia futurista do paraibano Assis Chateaubriand que revolucionou a comunicação no país e na América Latina.

Em relação à década de 1960 surge o golpe militar, período sombrio da história política e social brasileira marcado pelo conservadorismo, autoritarismo, repressão, tortura, perseguição e processo de censura. Apesar desse nefasto contexto, esse é também o período de criação das universidades públicas. A esse respeito, vale salientar que “as primeiras faculdades de Comunicação (Brasília, São Paulo e Porto Alegre) correspondem a esse cenário desafiador, não obstante as restrições impostas ao processo criativo pelo golpe militar de 1964” (MARQUES DE MELO, 2007, p. 20).

Assim sendo, pode-se afirmar que, devido a censura ocorrida durante o período ditatorial do regime militar, os veículos de comunicação impressa e audiovisual sofreram várias perseguições, como também os profissionais da área, uma vez que diversos estudantes de Jornalismo e jornalistas foram perseguidos, torturados e mortos<sup>13</sup>. Temos como exemplo Vladimir Herzog, jornalista, professor e dramaturgo que fora assassinado pelos militares. A esse respeito durante o período da ditadura militar no Brasil, algo de suma relevância merece ser enfatizado: os cursos de Jornalismo no país foram os principais alvos para fechamento pelos regentes do poder militarista. Porém, por não conseguirem de forma instantânea,

[...] os adversários dos jornalistas formados pelas universidades conseguiram resultados indiretos. Minaram na base a auto-estima corporativa dos jovens estudantes, com uma manobra pouco sutil: suprimiram a autonomia dos cursos de jornalismo, transformando-os em apêndices do megacurso de comunicação social. Como habilitação profissional de uma carreira desenhada academicamente, o jornalismo perdeu sua identidade. Confundiu-se e entrou em conflito com as fronteiriças profissões midiáticas. Não demorou muito a reação das empresas, desqualificando e/ou recusando os jornalistas egressos das universidades [...] (MELO, 2009, p. 88).

Partindo dessa afirmação, torna-se compreensível a formação acadêmica em Jornalismo ser uma habilitação da Comunicação Social, pois além do curso de Jornalismo, têm-se os cursos de Cinema, Educomunicação, *Marketing*, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV e Relações Públicas.

---

<sup>13</sup> É necessário destacar que não apenas as pessoas ligadas ao estudo e trabalho da Comunicação foram perseguidas e, sim, todos aqueles que fossem contra as regras impostas pela ditadura.



Nos últimos anos devido a reforma curricular proposta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a graduação em Jornalismo por meio da Portaria do MEC nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009, os cursos de Jornalismo, por exemplo, estão desvinculando-se da habilitação de Comunicação Social<sup>14</sup>. É com base nisto que o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) reforça essa informação:

Nesse sentido, o MEC instituiu, em fevereiro de 2009, mediante a Portaria MEC 203/2009, uma comissão de especialistas, presidida pelo professor José Marques de Melo, para formatar o novo discurso propositivo para a graduação em Jornalismo. Em setembro do mesmo ano, a comissão entregou o documento ao MEC. A iniciativa considerou tanto as novas demandas éticas e técnicas inerentes à profissão quanto a necessidade de consolidação da formação superior para o exercício do jornalismo, malgrado o fim da exigência do diploma, decidida pelo Supremo Tribunal Federal (STJ), em 17 de junho de 2009 (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO, 2016, p. 28).

Conforme essa informação do PPC há uma preocupação das instâncias maiores do Jornalismo no Brasil pela qualidade do ensino na área. Entretanto, o fim da exigência do diploma de ensino superior em Jornalismo ampliou a precarização profissional.

### **2.3 Leis e regulamentações do ensino de Jornalismo no Brasil**

De acordo com Nuzzi (1997), devido a ABI lutar incansavelmente pela implantação do curso de graduação em Jornalismo no Brasil, foi publicado o Decreto-Lei nº 910, no dia 30 de novembro de 1938 que tratava acerca do trabalho das agências jornalísticas, uma vez que no artigo 17 abordava o seguinte:

O Governo Federal, de acordo com os Governos Estaduais, promoverá a criação de escolas de preparação ao jornalismo, destinadas à formação dos profissionais da imprensa.

*Parágrafo único.* Criadas as escolas, de que trata este artigo, a inscrição no Registo da Profissão Jornalística só se fará, para os novos profissionais, em

---

<sup>14</sup> É o caso do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que desde 2017, por meio da nova reforma curricular do PPC em 2016, deixa de ser uma habilitação da Comunicação Social, tornando-se uma graduação específica, com componentes curriculares reformulados. Melo (2009) assinala que essas modificações são necessárias para reconquistar “a *identidade* dos cursos de *Jornalismo*, superando a condição de subalterna de habilitação profissional no âmbito comunicológico” (MELO, 2009, p. 89).

face dos diplomas do curso feito ou exames prestados em tais escolas (BRASIL, 1938 *apud* NUZZI, 1997, p. 21).

Embora essa lei tenha regulamentado o exercício profissional dos jornalistas, de nada adiantou para a criação os cursos de Jornalismo no país, tendo em vista que não ocorreu nenhum acordo entre o governo federal, bem como entre os governos estaduais. Apenas na década de 1940 a ABI consegue lograr êxito no tocante à fundação do curso de graduação em Jornalismo. Nuzzi (1997) destaca que na sede da ABI, o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, assina o Decreto-Lei nº 5.480 instituindo a criação do curso de Jornalismo no sistema educacional de ensino superior do Brasil, no dia 13 de maio de 1943. Assim, o artigo 3º preconizou que:

Art. 3º O curso de Jornalismo será ministrado pela Faculdade Nacional de Filosofia com a cooperação da Associação Brasileira de Imprensa e dos sindicatos representativos das categorias de empregados e de empregadores das empresas jornalísticas (BRASIL, 1943 *apud* NUZZI, p. 21).

No entanto, o artigo 5º desse Decreto propõe que “a estrutura do curso de Jornalismo, e bem assim as condições de matrícula e o regime escolar regular-se-ão por decreto” (BRASIL, 1943). Portanto, com base nisso, a implantação do curso a nível superior de ensino é mais uma vez adiada. Nesse sentido,

era indispensável a regulamentação do Decreto-lei nº 5.480 por meio de outro diploma legal para que pudesse ter início o ensino superior de Jornalismo. Cásper Líbero através do dispositivo de seu testamento e a Fundação Cásper Líbero, ao dar cumprimento à vontade de seu instituidor, tiveram papel relevantíssimo na regulamentação desse ensino (NUZZI, 1997, p. 22).

Com base nisso Cásper Líbero, em seu testamento, dispunha que todos os seus bens deveriam servir de alicerce para uma fundação na área jornalística.

[...] objetivo cultural de criar e manter uma escola de jornalismo e ensinamento de humanidades, particularmente Português, prosa, estilo, literatura, eloquência, história e filosofia, em cursos de grandes proporções, a começar pelo secundário e finalizar pelo superior (LÍBERO 1947 *apud* NUZZI, 1997, p. 22).

É nesse sentido que Nuzzi (1997) denomina Cásper Líbero como o Joseph Pulitzer da imprensa brasileira, uma vez que este fundou em 1912 o curso de

Jornalismo na Universidade de Columbia, em Nova York, o segundo curso de graduação em Jornalismo dos Estados Unidos. Dessa forma, Pulitzer e Líbero são considerados duas personalidades que agiram sob forma semelhante, o primeiro doou 2 milhões de dólares para a implantação do curso de Jornalismo na Universidade de Columbia e o segundo determinou que um dos propósitos da sua Fundação deveria ser o da fundação do curso de Jornalismo no Brasil.

A criação da primeira faculdade de Jornalismo do Brasil partiu do testamento de Cásper Líbero, pioneiro empresário-jornalista paulistano, que construiu, entre as décadas de 1920 e 1940, a empresa jornalística mais moderna da América Latina, em termos de administração, equipamentos gráficos e perfil editorial: *A Gazeta*. Enquanto homem de jornalismo, Cásper manteve-se ligado a todos os movimentos da classe, onde a discussão sobre a necessidade de se investir na formação profissional ocupa toda a década de 1930 (HIME, 2005, p. 1).

Vale, portanto, citar que Cásper Líbero primava pelo bom jornalismo, ou seja, um serviço de comunicação ofertado com qualidade para a sociedade que necessita de informação cotidiana. Desse modo, para ter um jornalismo de qualidade Líbero pensou na formação jornalística com a finalidade de que os jornalistas pudessem ter um conhecimento concreto e consolidado no mercado profissional.

O entusiasmo pela implementação de um curso de Jornalismo no Brasil por Cásper Líbero foi imenso. É interessante frisar que Hime (2005) afirma que ele realizou inúmeras viagens ao exterior, tanto para a Europa quanto para os Estados Unidos, com o intuito de verificar como funcionava a dinâmica das aulas do curso de Jornalismo, bem como apreender sobre os procedimentos necessários para institucionalização do curso.

O diálogo entre os diferentes modelos reflete-se nas breves indicações deixadas em testamento, que apontam para um curso fundamentado nas Ciências Humanas, com aulas de “português, prosa, estilo, literatura, eloquência, história e filosofia”, mas com aulas práticas conduzidas nos jornais e rádio da Fundação recém-criada (HIME, 2005, p. 2).

No que diz respeito à regulamentação do Decreto-Lei nº 5.480 de 13 de maio de 1943, a Fundação Cásper Líbero teve um papel de suma importância para a implantação do curso de graduação em Jornalismo. A esse respeito Nuzzi (1997) disseca que:

Os diretores da Fundação, tendo à frente a personalidade dinâmica do Jornalista João Baptista de Souza Filho<sup>15</sup>, designado para planejar e instalar o Curso, passaram a diligenciar no sentido de que o Decreto-lei foi regulamentado. Nesse tempo, era Ministro da Educação o Prof. Ernesto de Souza Campos, ilustre integrante dos quadros docentes da Universidade de São Paulo e colaborador de *A Gazeta*, o qual procurado pelos dirigentes da Fundação e posto a par dos planos de criação do Curso Superior de Jornalismo, assegurou-lhes que tomaria providência para a regulamentação do Decreto-lei 5.480-43. S. Exa. foi além: autorizou o Prof. João Baptista de Souza Filho a adotar as medidas necessárias ao concurso vestibular para que o Curso pudesse ser iniciado o mais breve possível. Amparados na palavra do Ministro, os diretores da Fundação autorizaram o Prof. João Baptista de Souza Filho a levar avante os planos de criação do Curso. Com esse propósito foram tomadas as providências: 1 - preparo dos termos do concurso vestibular; 2 - seleção natural do futuro corpo docente; 3 - elaboração do esboço do programa de ensino; 4 - organização da secretaria da escola e minuta do convênio a ser celebrado com a PUC - S. Paulo (NUZZI, 1997, p. 25).

A graduação fundada pela Fundação Cásper Líbero tinha duração de 3 anos. Para tanto, era exigido pelo Decreto-Lei nº 22.245, de 6 de dezembro de 1946 no Artigo 4º que o candidato apresentasse certificação do curso secundário (atual ensino médio) completo e provas de identidade, sanidade mental e idoneidade moral e o resultado da aprovação no vestibular. Para quem era jornalista com inscrição na associação de classe, era dispensada a exigência do comprovante do ensino secundário nos anos de 1947 e 1948, ou seja, os primeiros anos do estabelecimento de ensino.

Conforme Nuzzi (1997) foram inscritos 96 candidatos e desses, 42 foram aprovados. As aulas iniciaram no mês de maio de 1947, sob outorga do Decreto nº 23.087, de 19 de maio de 1947. Dos alunos, 36 estudantes eram do sexo masculino e apenas 6 do sexo feminino. Esses dados só ressaltam o quanto o público masculino predominava os bancos universitários e, logo, os espaços profissionais, enquanto a maioria das mulheres era restrita apenas para os serviços domésticos e para o cuidado com os filhos e maridos. Atualmente essa realidade cotidianamente vem se transformando e as mulheres estão conquistando a maioria dos espaços acadêmicos e profissionais, fruto de muitas lutas dos movimentos feministas e sociais.

---

<sup>15</sup> “Doutor João Baptista de Souza Filho – Licenciado em Letras. Jornalista, editor da página literária de *A Gazeta*, organizador e primeiro diretor da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero” (NUZZI, 1997, p. 5). Em setembro de 1948, no segundo ano de existência da Instituição, ocorre o repentino falecimento do professor Souza Filho e a direção fica sob a responsabilidade de Luiz Silveira e como vice-diretor Nicolau Nazo, ambos docentes da Escola de Jornalismo Cásper Líbero, nas quais regem a instituição desde o final de década de 1940 e ao longo da década de 1950.

Um fator importante é que embora a pretensão de Cásper Líbero quanto à criação do curso de Jornalismo no Brasil tenha sido do ponto de vista universitário,

um aspecto inusitado foi desprezado quando da fundação da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero: não se trataria apenas de um curso em nível universitário, mas começaria no secundário, como um curso técnico, a ser complementado em estudos universitários. O empresário, contudo, não teve tempo de desenvolver e implementar o modelo do curso tão sonhado, tendo falecido em acidente de avião em agosto de 1943 (HIME, 2005, p. 2).

Em relação ao contexto histórico da formação das universidades brasileiras, faz-se importante evidenciar que, nos anos de 1930 “a universidade emerge como instituição nacional, [...] quando a imprensa se converte em fonte para as ciências humanas [...]” (MELO, 2009, p. 137). Assim, anos depois, é durante a década de 1940, que o jornalismo é pensado como fonte de conhecimento acadêmico, haja vista que ocorre a implantação dos cursos de graduação em Jornalismo com a finalidade de habilitar profissionais, sob forma consistente, para o pleno exercício profissional nas mídias impressa e radiofônica nas quais eram predominantes na época.

No que se refere ao reconhecimento do curso, foi obtido no terceiro ano de existência da faculdade, ou seja, próximo da conclusão da primeira turma de Jornalismo, por meio do Decreto-Lei nº 27.514, de 28 de novembro de 1949 pelo então Presidente da República Federativa do Brasil, Eurico Gaspar Dutra. A solenidade de formatura deu-se no dia 21 de abril de 1950, tendo sido noticiada pelo jornal *A Gazeta*.

Os primeiros membros do corpo docente foram os seguintes: Antonio Augusto Soares Amora, Aziz Nacib Ab’Saber, Carlos de Andrade Rizzini, Clovis Lema Garcia, Enéas Machado de Assis, Erasmo de Freitas Nuzzi, Francisco Pati, Henrique de Brito Viana, Heraldo Barbuy, Monsenhor João Baptista Carvalho, João de Scantimburgo, João Papaterra Limongi, José Benedito Silveira Peixoto, José de Freitas Nobre, José Pedro Galvão de Souza, Luiz Silveira, Manuel Nunes Dias, Nicolau Nazo, Pe. Ramon Ortiz, Rosalvo Florentino de Souza, Sebastião Pagano. Já os primeiros formandos foram: Adin Costa, Alair Sá do Vale, Anacleto de Oliveira Faria, Antônio Almeida de Carvalho, Antônio Corrêa Garcia, Antônio Higino Vizotto, Eugênio Malanga, Fernando Buck, Flávio Toledo Pacheco, Francisco E. Macedo Andrade, Francisco Peres Paschoal, Geraldo Campos de Oliveira, Gibson da Costa

Fonseca, Israel Fetbrot, Joana Pinto, Maria Lúcia Sampaio Pinto, Nivaldo Pachoal Carrazzone.

Em 1959, surge mais uma inovação da Fundação Cásper Líbero, a criação do curso de pós-graduação em Jornalismo. Como critério para ingresso no curso era necessário ser diplomado em Jornalismo ou em outros cursos de graduação desde que fossem jornalistas profissionais registrados no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. As aulas iniciaram no dia 5 maio de 1959. Era conferido o diploma de pós-graduação aos que concluíam o curso completo e o certificado de especialização aos que concluíssem determinados componentes curriculares de livre escolha. Tal curso de pós-graduação tinha duração de um ano.

No entanto, Nuzzi (1997) ressalta que o curso foi suspenso no início dos anos de 1960 e foi reativado em 1975 quando o referido autor estava na direção da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero junto com o professor Eugênio Mulanga. Assim sendo, o Curso de Especialização e Mestrado *Interna Corporis*, tendo como coordenador o professor A. Delorenzo Neto, requeria que o candidato tivesse concluído o curso de bacharelado em Jornalismo ou graduação em Ciência Humanas. Eram ofertadas, no mínimo 20 e no máximo 30 vagas. O curso de pós-graduação Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero era pago e as aulas, após a reativação iniciaram-se no dia 9 de dezembro de 1975.

O autor afirma que em 1967 ocorreram reformas curriculares na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, que vinham sendo debatidas desde 1965, e o curso passou a ter duração de 4 anos, tendo entrado em vigor a partir do ano letivo de 1968. José Marques de Melo foi o presidente da Comissão de Reestruturação Curricular.

As principais causas dos debates acerca da reformulação curricular dos cursos de Jornalismo deram-se devido a criação do Conselho Federal de Educação (CFE), previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4024/61. “O CFE, de saída, discutiu e aprovou dois pareceres – 323-62 e 984-65 – alterando, parcialmente, o currículo dos cursos de Jornalismo” (NUZZI, 1997, p. 136). Nesse período ocorria a promoção de seminários na Argentina, Buenos Aires, Cidade do México, México, Colômbia, Medellín e Rio de Janeiro pelo Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (CIESPAL), para debates analíticos sobre o ensino de Jornalismo, em 1965; fundação da Faculdade de Comunicação de Massas da Universidade de Brasília

(UnB), bem como o surgimento da Escola de Comunicação e Artes (ECA) com 11 habilitações, da Universidade de São Paulo (USP), entre os anos de 1966 e 1967.

Em consequência desses fatos e à vista dos debates da época, no ano de 1.969 o Conselho Federal de Educação deliberou rever a estrutura curricular dos cursos de Jornalismo. Nos termos do PARECER 631/69 [...] e da Resolução nº 11, de 10 de outubro de 1.969, foram revistos os currículos, a carga horária, a duração, e a denominação dos cursos, com a instituição de novas modalidades profissionais. Assim é que foram estabelecidos os mínimos curriculares de um curso básico comum e dos cursos profissionalizantes para a formação de Jornalismo Polivalente, Jornalismo Específico, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Editoração, com duração mínima total de 2.200 horas-aulas, num período de ter até seis anos, podendo ser adotada a divisão do curso por semestres letivos. O curso de Jornalismo passou a ser Curso de Comunicação Social (NUZZI, 1997, p. 136).

A Resolução nº 11/69 foi alvo de várias polêmicas e a ECA-USP solicitou ao CFE uma revisão das normativas. Porém, o CFE analisou ao longo do ano de 1970 e arquivou o documento de solicitação da ECA-USP. Contudo, a ECA-USP continuou com constantes lutas. Diante desses fatos, faz-se mister salientar que nesse período ocorreu a efervescência da ditadura militar brasileira e os cursos de Jornalismo foram duramente perseguidos. Não é à toa que ocorreu a exigência de reformulações nos currículos do curso e até mudança de nomenclatura, pois “em virtude das normas constantes da Resolução nº 11/69, a Escola de Jornalismo passou a ser, em 1.971 em diante, Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero” (NUZZI, 1997, p. 137).

Além do curso de Jornalismo, a faculdade passou a contar, desde 1972, com os cursos de Publicidade e Propaganda e de Relações Públicas, ambos funcionavam no horário noturno, enquanto o curso de Jornalismo funcionava no turno matutino. Um fator importante que merece ser destacado consiste no sentido pelo qual entre os anos de 1971 e 1972 ocorre o desmembramento da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero com a PUC-SP, tendo em vista que a PUC-SP reformulou os estatutos a instituição. Isso deu-se devido

a fundação São Paulo – entidade mantenedora da PUC – comunicou à Fundação Cásper Líbero que a Faculdade de Jornalismo (até então vinculada à PUC – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento) deveria passar a fazer parte integrante dos institutos da PUC ou separar-se. [...] Assim, de 1.972 em diante, Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero passou à condição de uma Escola Superior autônoma (NUZZI, 1997, p. 137).

Nesse sentido, como consequência dessa separação institucional, foi necessária mais uma revisão regimental com a finalidade de retirar do documento as referências relacionadas à situação de estabelecimento conveniado e, assim, regulamentar a nova estrutura como instituição de ensino superior autônoma de Comunicação Social.

## 2.4 O primeiro curso de Jornalismo na região Nordeste

De acordo com Melo (2009), ao mencionar a contribuição do estudioso em comunicação Luiz Beltrão<sup>16</sup>, cita que este foi convidado para ministrar o componente curricular Ética e Técnica do Jornalismo na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Lourdes, no município de João Pessoa, capital do estado da Paraíba. Entretanto, o ano não é informado<sup>17</sup>, mas o autor expõe que concomitantemente ao ensinar nesse estabelecimento universitário em João Pessoa - PB<sup>18</sup>, o docente apresenta um projeto para criação do curso de Jornalismo na Universidade Católica de

---

<sup>16</sup> Luiz Beltrão era natural de Olinda - PE, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Recife, atualmente Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Conforme Duarte (2001) *apud* Melo (2009), Luiz Beltrão tornou-se um baluarte das ciências da Comunicação no Brasil, haja vista que iniciou os trabalhos jornalísticos na redação do *Diário de Pernambuco*, em 1936, fundou o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), que foi o primeiro centro universitário de pesquisa na área de comunicação, no ano de 1963, (consiste em um centro de estudos acadêmicos de fenômenos midiáticos, mantido pela UNICAP) e da primeira revista de cunho científico na área de comunicação, no ano de 1965 e primeiro doutor em Ciências da Comunicação do Brasil pela Universidade de Brasília (UnB), tendo defendido a tese de doutorado em 1967, sobre estudos de folkcomunicação, além de ter publicado diversos livros na área do Jornalismo, tais como: *Iniciação à filosofia do jornalismo* (1960), *Metodologia do Ensino da Técnica de Jornal* (1963), *Técnica de jornal: apostilas para a 1ª série do curso de Jornalismo* (1964), entre outras obras de suma importância para o ensino de Jornalismo. Também foi geriu a Faculdade de Comunicação da UnB, durante os anos de 1965 e 1969. Devido a vasta contribuição no âmbito da comunicação, no ano de 1997, foi criado o Prêmio Luiz Beltrão de Ciências da Comunicação, evento realizado anualmente durante o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, destinado para estudantes e profissionais que realizam relevantes pesquisas na área. Vale ressaltar que Beltrão torna-se o primeiro doutor em Comunicação e José Marques de Melo (autor esse na qual seus estudos contribuem nessa pesquisa), o primeiro doutor em Jornalismo no Brasil, título obtido pela Universidade de São Paulo (USP), em 1973.

<sup>17</sup> Subtende-se que o ano tenha sido em 1960, pois conforme pesquisa feita na obra *Jornalismo: compreensão e reinvenção*, de José Marques de Melo, Beltrão recebe o Prêmio Orlando Dantas em 1959 em alusão ao livro *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Logo em seguida a essa informação Melo (2009) expõe acerca do convite para docência na Faculdade de João Pessoa.

<sup>18</sup> Em relação ao curso de Jornalismo da Faculdade Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa, contrapõe as informações a respeito de que a UEPB tenha sido contemplada com o primeiro curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do estado da Paraíba. Contudo, provavelmente quando o curso de Comunicação Social - Jornalismo foi fundado na URNE, não tinha mais o referido curso na faculdade de João Pessoa, ou até mesmo a extinção da instituição de ensino na capital.



Pernambuco (UNICAP), na qual por meio da acolhida da congregação jesuítica, a implementação do curso superior de Jornalismo foi iniciada no ano de 1961.

A UNICAP é considerada como a primeira instituição de ensino universitário a implementar o curso de Jornalismo na região Nordeste. No ano seguinte, em 1962, o curso de Comunicação Social é implantado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a faculdade de Jornalismo.

## 2.5 A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para a abordagem no tocante ao curso de Jornalismo da UEPB, principal objeto de estudo dessa pesquisa histórica, faz-se necessário tecer, sob forma sistematizada um breve panorama a respeito da história da UEPB, exposta a seguir.

Fundada no dia 15 de março de 1966, através da Lei Municipal nº 23 da Prefeitura de Campina Grande, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) surge durante a gestão do então prefeito Williams de Souza Arruda, tendo como primeiro nome Universidade Regional do Nordeste (URNE).

**Figura 1** – Antigo prédio da reitoria da URNE/UEPB



Fonte: Site da UEPB (2019).

De acordo com Luiz (2010), tal feito para a criação da URNE em 1966, foi implantado e planejado pela Fundação para o Desenvolvimento da Ciência e da Técnica (FUNDACT), criada no ano de 1957, pela gestão pública municipal de

Campina Grande. O autor destaca que no dia 11 de abril de 1966 durante a primeira reunião do Conselho Universitário foi criada a Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), que tinha como finalidade manter a URNE. Com relação a esse respeito,

em 1966, a Prefeitura Municipal cria a Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), que incorpora duas faculdades existentes no município: Faculdade Católica de Filosofia e Letras e Faculdade de Serviço Social<sup>19</sup>. Além dessas duas faculdades, passam a integrar a URNE, posteriormente, a Faculdade de Direito e de Odontologia. De acordo com Edvaldo de Souza do Ó (1986 *apud* ALMEIDA *et al.*, 2004), a URNE, além de sua importância no fortalecimento do ensino superior de Campina Grande, vem dar suporte financeiro a alguns cursos superiores que passavam por dificuldades (ALMEIDA *et al.*, 2004 *apud* SOUZA *et al.*, 2014, p. 213).

Durante reunião com o objetivo de eleger o gestor da Instituição Universitária, de forma unânime, o Prefeito campinense, Williams de Souza Arruda, foi escolhido como o primeiro Reitor da URNE e o economista Edvaldo de Souza do Ó como Vice-Reitor. Vale destacar que Williams de Souza Arruda foi cotado para a reitoria por conta do reconhecimento pela iniciativa da criação da Universidade. Entretanto, como nesse período encontrava-se como Prefeito de Campina Grande, tornou-se árdua a missão, o Vice-Reitor assume plenamente a reitoria no mês de julho de 1966, permanecendo até o dia 9 abril de 1969, uma vez que ocorreu a intervenção federal ocasionada pela ditadura militar. Com base nisto, Luiz (2010) destaca que:

A intervenção militar de 9 de abril de 1969 desestabilizou bastante as estruturas da recém-criada universidade. Valendo-se de muitos decretos, o Comando Militar, iniciou sua interferência na URNE um pouco antes do fatídico 9 de abril, principalmente através do cancelamento de algumas matrículas e da punição de vários estudantes. Uma considerável parcela dos professores foi perseguida e pressionada, assim como o então Reitor Edvaldo do Ó, que renunciou ao cargo quando descobriu que seria afastado. Sendo, sem dúvida, o mais prejudicado pela intervenção, pois foi praticamente expulso de uma casa que com muito esforço ajudou a construir [...] (LUIZ, 2010, p. 23-24).

---

<sup>19</sup> Esses cursos consistiram nas graduações pioneiras no Brasil. Para tanto, torna-se interessante citar um pequeno trecho do discurso de posse do professor Leonardo Van Acker que foi considerado como catedrático da cadeira de Introdução à Filosofia e fez pronunciamento na Aula Magna do primeiro curso de graduação em Jornalismo do Brasil: “Excelências, minhas senhoras, meus senhores – No quarto de século que passei na querida terra paulista, tive a honra feliz de servir a três escolas pioneiras no Brasil: a Faculdade de Filosofia de São Bento, a Escola de Serviço Social e a Escola de Jornalismo Cásper Líbero, que hoje inauguramos” (NUZZI, 1997, p. 33).

Para Luiz (2010) Edvaldo de Souza do Ó é considerado como o grande idealizador do ensino superior de Campina Grande, principalmente no que diz respeito à fundação de uma Universidade de égide regional.

De acordo com Fonseca, Macedo e Vieira (2014),

A criação da URNE em 1966 constituiu-se numa saída encontrada pelo poder local para manter Campina Grande no rol dos municípios nordestinos mais bem desenvolvidos, acompanhando o ritmo da política nacional desenvolvimentista (FONSECA; MACEDO; VIEIRA, 2014, p. 321).

No dia 11 de outubro ano de 1987<sup>20</sup>, após anos de luta pela comunidade universitária composta por professores, funcionários, estudantes, lideranças políticas e sociedade civil, a URNE foi estadualizada por intermédio do Reitor Sebastião Guimarães Vieira, sancionada pelo então Governador Tarcísio de Miranda Burity. Dessa forma, a URNE passa a ser denominada como Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), constituindo, assim, em um grande marco para a educação campinense, paraibana, bem como para a comunidade universitária.

**Figura 2** – Solenidade de estadualização da UEPB



Fonte: Site da UEPB (2023).

<sup>20</sup> Data da comemoração do aniversário de Campina Grande - PB, na qual celebrou 123 anos de emancipação política. Na ocasião, houve a oficialização da estadualização da Universidade em cerimônia no Parque do Povo.

No dia 01 de novembro de 1996, a instituição obteve o reconhecimento dos cursos de graduação do Ministério da Educação (MEC) pelo Conselho Nacional de Educação, tendo em vista o sancionamento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96. Na época o Reitor da Universidade era Itan Pereira da Silva e recebeu o ato de reconhecimento que foi assinado em Campina Grande pelo então Ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Com a assinatura do Decreto de Reconhecimento pelo então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a UEPB passou à condição de Instituição de Ensino Superior consolidada e definitiva, cujos méritos foram reconhecidos pela instância governamental responsável pelo ensino em todo o país.

No ano de 2004, durante o reitorado da professora Marlene Alves de Sousa Luna, a UEPB conquista a Lei de Autonomia Financeira, considerada como mais um grande marco na Instituição. Com a assinatura da Lei no dia 06 de agosto de 2004, pelo então Governador da Paraíba, Cássio Cunha Lima, a UEPB passou a ter autonomia financeira e, a partir de então, buscou investir na melhoria de seus serviços pela expansão dos *câmpus* universitários pelo estado da Paraíba, dos cursos de graduação, pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*) e no progresso para melhores condições de ensino, pesquisa e extensão.

**Figura 3** – *Câmpus I* da Universidade Estadual da Paraíba



Fonte: Site da UEPB (2019).

Atualmente, a UEPB oferta cursos de nível médio, técnico, profissionalizante, graduação, mestrado, doutorado, como também uma formação designada às pessoas idosas denominada Universidade Aberta à Maturidade (UAMA). É composta por 8 *câmpus* universitários, distribuídos nas cidades de Campina Grande, Lagoa Seca, Guarabira, Catolé do Rocha, João Pessoa, Monteiro, Patos e Araruna. Possui 58 cursos de graduação presencial, 6 cursos de graduação a distância, 14 cursos de especialização em atividade, 15 cursos de mestrado acadêmico, 7 cursos de mestrado profissional e 6 cursos de doutorado, com mais de 20 mil pessoas em sua comunidade universitária, distribuídas entre docentes, discentes e técnico-administrativos, tornando-se, assim, uma Instituição de ensino superior consolidada como uma das melhores universidades estaduais do Brasil, bem como entre as 10 melhores da região Nordeste. São mais de 600 projetos de Iniciação Científica em execução, já no âmbito da extensão, são 33 programas e 456 projetos<sup>21</sup>.

A atual Reitora da Universidade é a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz e a Vice-Reitora a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca, estão no primeiro mandato, cuja gestão universitária iniciou no dia 11 de dezembro de 2020 e se encerrará em dezembro de 2024. A reitoria é situada na Rua Baraúnas, 351, do Bairro Universitário, na cidade de Campina Grande - PB.

---

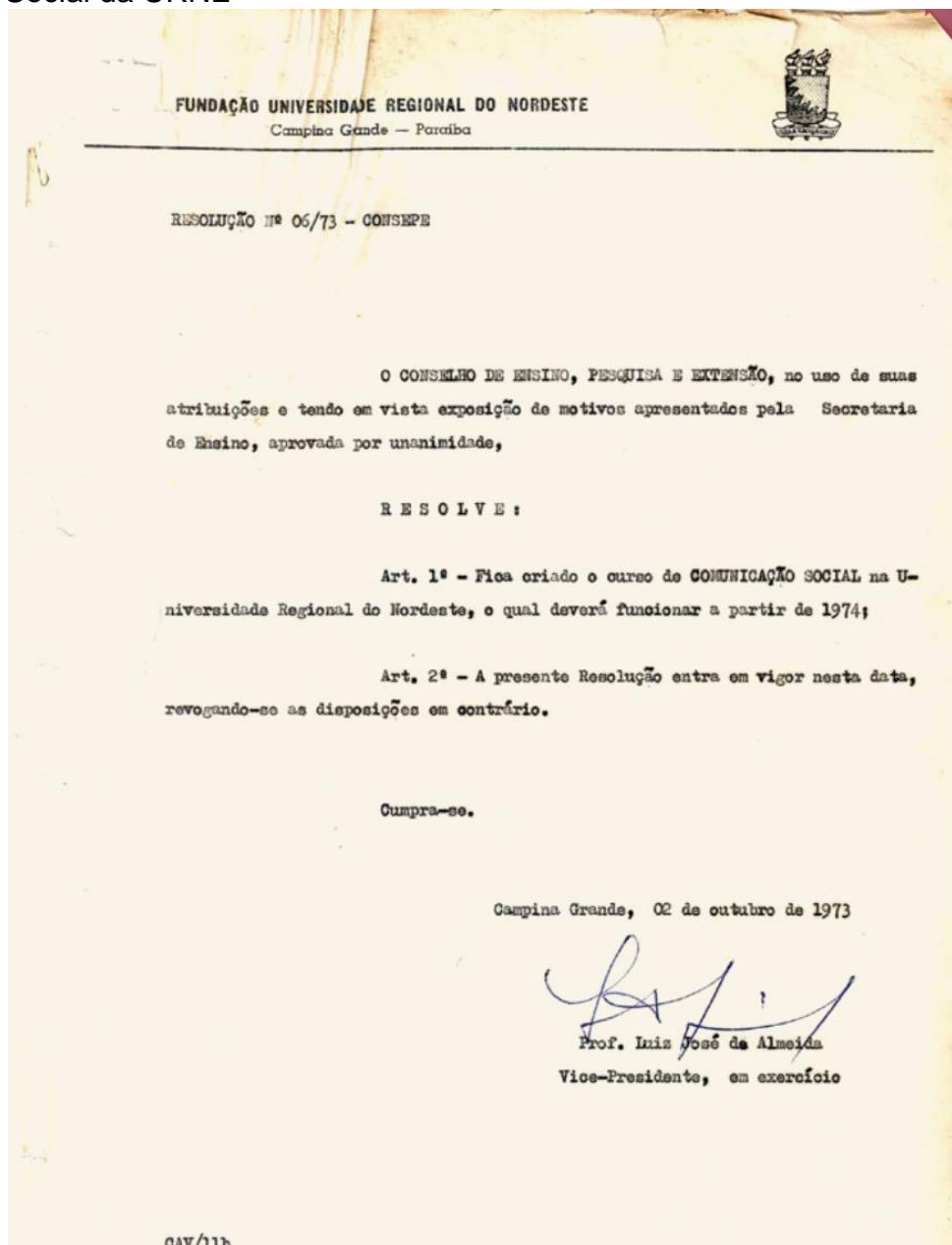
<sup>21</sup> Dados coletados pelo *site* da UEPB em matéria alusiva aos 36 anos de estadualização da Universidade. Disponível no *link*: <https://uepb.edu.br/uepb-celebra-36-anos-de-estadualizacao-em-conexao-com-os-159-anos-de-emancipacao-politica-de-campina-grande/>.

### 3 O CURSO DE JORNALISMO DA UEPB

#### 3.1 Fundação do curso de Comunicação Social - Jornalismo

O curso de Jornalismo da UEPB foi fundado no dia 02 de outubro de 1973, inicialmente com a nomenclatura de Comunicação Social, com habilitação para a formação de bacharelado em Jornalismo, por meio da Resolução nº 6 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da antiga URNE.

**Figura 4** – Documento de Resolução da criação do curso de Comunicação Social da URNE



Fonte: Revista *Meio Século*, 1ª edição (2022).

É importante destacar que o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPB se gesta no período de efervescência da ditadura militar instaurada no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980. O golpe de Estado ocorre no dia 2 de abril de 1964, perdurando durante 21 anos por generais eleitos indiretamente. Apenas em 1985 ocorre o fim da ditadura militar por meio do movimento das Diretas Já, na qual a população lutava por direitos eleitorais para escolha dos governantes por meio de voto popular. Além desses direitos junto aos demais movimentos sociais, a luta popular também em prol da democracia, liberdade de expressão, contra a repressão, por igualdade de direitos e justiça social.

Dessa forma, importa salientar que é durante os anos de 1980 que ocorre o processo de redemocratização da política brasileira, uma vez que a população lutou incansavelmente pelo fim do autoritarismo, da censura, da repressão, dos massacres, prisões, torturas e homicídios, bem como pelo direito ao voto para escolher democraticamente os representantes políticos. O movimento das Diretas Já constituiu marco importante no processo de redemocratização do Brasil (LISBOA, 2022, p. 56).

O período ditatorial foi uma época em que os direitos sociais praticamente não existiam. As pessoas que protestavam contra as barbáries do regime militar eram perseguidas, hostilizadas, torturadas, exiladas e até mesmo assassinadas. O Brasil vivenciou a opressão da ditadura civil-militar, na qual não havia participação popular no processo de tomadas de decisões políticas, tampouco na execução das políticas públicas.

Nesse sentido, é correto afirmar que durante o regime militar brasileiro, preponderava o sistema autocrático de governo, tendo em vista que a população não poderia exercer o pleno direito à democracia e de liberdade de expressão. Dessa forma, quem se manifestava contra a ditadura era perseguido, preso, torturado e assassinado. A censura tomava conta dos sistemas de comunicação. Era, pois, um período totalmente repressor.

Vale destacar que durante esse tempo sombrio da história do Brasil, ocorre um vasto crescimento dos movimentos sociais e no intuito de combater as manifestações sociais contra a ditadura, são criados Atos Institucionais para reprimir as lutas por democracia e direitos humanos e sociais.

Diante desse conturbado contexto histórico brasileiro, pode-se afirmar que a fundação do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da UEPB

durante esse período, consiste na coragem, ousadia, determinação e resistência dos idealizadores que já trabalhavam na área da Comunicação, bem como estudantes e professores que, assim como aconteceu em outras partes do país, foram perseguidos e oprimidos durante a ditadura militar por manifestar opiniões contrárias ao regime autocrático.

O professor do Departamento de Comunicação Social (DECOM), Rômulo Azevedo, aluno da primeira turma do curso e professor do departamento, em entrevista para o estudante Hélio Andrade, para a primeira edição da revista *Meio Século*, em relação à situação das aulas no período ditatorial afirmou que

era um clima sufocante. Mas o curso conseguiu atravessar essa fase sombria da história brasileira. Tinha problema em toda a universidade. Você entrava na sala de aula e tinha um aluno novo, que ninguém conhecia. Perguntava “quem é esse cara?” – “não sei, é um transferido”. Não era. Era um espião que ficava na sala para ouvir quem era o mais afoito, quem era que criticava o governante (AZEVEDO, 2022 *apud* ANDRADE, 2022, p. 10).

Diante dessa afirmação acima citada é notório perceber como era difícil ter liberdade de expressão nesse período, principalmente no âmbito da imprensa que sofreu graves censuras e perseguições. Nesse contexto histórico, um curso de Comunicação Social direcionado à formação de profissionais do Jornalismo ter sido fundado nesse determinado período histórico de repressão dos meios midiáticos é, pois, bastante desafiador.

De acordo com uma reportagem, para mídia impressa, especificamente na revista *Foccus*, realizada em comemoração aos 40 anos do curso de Comunicação Social da UEPB, produzida pelos estudantes do curso, a referida graduação iniciou fruto de sessões cinematográficas realizadas no município de Campina Grande - PB, mais especificamente nos fins de semana. O Museu de Artes e o Cine Clube foram instituições de grande relevância para a plena efetivação, concretização e consolidação do curso. Um personagem ilustre que iniciou na articulação para a criação do curso foi Jackson Agra. Esse, por sua vez, criou o projeto de cinema “Participe”, que tinha como objetivo incentivar a sociedade campinense para a apreciação do cinema.

Dois anos depois, no ano de 1972 o seu objetivo segundo é alcançado. A Universidade Regional do Nordeste – hoje UEPB – estabelece o bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo tendo no cinema uma forte influência. Para tanto, na época, defensores ilustres da



sétima arte foram decisivos. São eles: Jackson Agra, Chico Pereira, Luiz Almeida, Rômulo e Romero Azevedo, Bráulio Tavares, Marcos Agra e Luiz Custódio (SOARES, 2012, p. 6).

Gilson Souto Maior, jornalista e professor aposentado do DECOM, que foi aluno da primeira turma do curso na UEPB, em entrevista para o primeiro episódio do *podcast* do projeto Meio Século<sup>22</sup>, conduzido pelos estudantes de Jornalismo Allisson Brando e Jackson Rodrigues, relatou:

Eu trabalhava na rádio Borborema e tive um encontro com o professor Moacir Alves Carneiro, vice-reitor da URNE. O vice-reitor disse: “Gilson, nós precisamos dar um presente para Campina Grande e à URNE, mais precisamente que é a criação do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. E o professor Figueiredo que era reitor na época, me pediu para conversar com você, pois nós precisamos do apoio do pessoal da imprensa para a criação do curso” (GILSON SOUTO MAIOR, 2022).

Conforme Gilson, foi a partir desse encontro que cresceu a ideia da criação do curso de graduação em Jornalismo da FURNE. Ele destaca que um fato interessante que marcou o início do curso, é que os primeiros alunos foram pessoas que atuavam como jornalistas no rádio, na televisão e no jornal. Gilson menciona os primeiros estudantes do curso de Comunicação Social da FURNE:

Machado Bittencourt, cineasta, jornalista, grande fotógrafo e repórter fotográfico, homem de *marketing* e um jornalista muito calejado, foi um dos primeiros alunos da turma, eu, Levy Soares – que chegou a ser professor – Raimundo Rodrigues e tantos outros companheiros que depois foram adentrando no curso. Com o passar dos anos eu quase sentenciei a turma: “Vocês vão fazer Comunicação!”. Paulo Rogério terminou Administração – foi diretor dos *Diários Associados* e fez Comunicação, foi também professor e desses profissionais –, Massilon, o falecido Machado Bittencourt, eu, Humberto de Campos, Luiz Aguiar, Aécio Diniz. “Vocês vão dar aulas no curso pela experiência que vocês têm é muito importante”. Alguns eram advogados, mas jornalistas atuantes. Eles eram jornalistas, como eu era antes de me formar, chamado jornalista profissional. Eu já era registrado como jornalista, radialista, rádio-repórter quando vim fazer o curso de Jornalismo na URNE. Muitos desses profissionais foram convocados e tiveram uma participação importantíssima, porque a presença de gente que vivia do batente do rádio, televisão e jornal, isso foi de fundamental importância para que nós tivéssemos, também, as primeiras turmas do curso. Boa qualidade e bons profissionais foram revelados (GILSON SOUTO MAIOR, 2023).

---

<sup>22</sup> O Meio Século consiste num projeto idealizado pelo estudante de Jornalismo Hélio Andrade, para as atividades do componente curricular Laboratório de Jornalismo Digital do horário noturno. O projeto iniciou no período letivo 2022.1, na qual deu início às comemorações do jubileu de ouro do curso de Jornalismo da UEPB. O *podcast* encontra-se no *Spotify* por meio do *link*: <https://open.spotify.com/episode/1nDqQkgaOG5LSECnKH9t2g>.

De acordo com essas informações percebe-se uma sólida relação desse grupo com o cinema, uma vez que Machado Bittencourt realizou relevantes trabalhos cinematográficos antes e durante sua jornada no Departamento de Comunicação Social (DECOM). De acordo com a professora aposentada de Radiojornalismo, Goretti Sampaio, que foi chefe-adjunta do DECOM, coordenadora de extensão de laboratórios e do curso de Comunicação Social, numa entrevista feita por Déborah Livia e Louyz Lourrana para o *podcast* do Meio Século<sup>23</sup>

eu fui aluna, nada mais, nada menos de Machado Bittencourt que foi um dos maiores cineastas da Paraíba e do Brasil também. Então, ser aluna de Machado é privilégio de poucos, e a gente tinha um nível de professores muito bom no departamento (GORETTI SAMPAIO, 2022).

A esse respeito, a professora aposentada do DECOM, Fátima Luna, que foi coordenadora do curso, depois coordenadora-adjunta e chefe-adjunta, ao ser questionada sobre o momento mais importante vivenciado no departamento, faz grande referência à Machado Bittencourt e afirmou que

enquanto estudante foram dois: primeiro, participar ativamente das atividades da disciplina de Cinema com o nosso saudoso Machado Bittencourt. Amava as suas aulas, com discussões sempre atuais, principalmente porque ele me convidou a atuar em um dos seus documentários – *Com a palavra, a mulher* – isto foi inesquecível. O outro momento foi o primeiro Seminário da disciplina de História dos Meios de Comunicação de Massa, idealizado pelo professor Beto, o qual confiou a mim toda a implementação do evento. Nossa! Me senti muito importante. Enquanto estudante, sempre abracei os eventos (FÁTIMA LUNA, 2023).

O docente Orlando Ângelo, que ensina no departamento desde 1987, ou seja, há 36 anos, ao responder a pergunta sobre algum momento que foi mais marcante no curso de Jornalismo, mas que atualmente não existe mais, afirmou o seguinte:

[...] O forte do DECOM eram as produções cinematográficas do então professor Machado Bittencourt, nos 1980, com filmes de longa-metragem, com a participação dos estudantes. Um dos mais famosos foi *O Caso Carlota*. Também, tínhamos o Festival de Cinema Comunicurtas<sup>24</sup> coordenado pelo estudante André da Costa Pinto com a participação dos nossos estudantes. Este festival se tornou conhecido em todo o país. Já há alguns anos esse projeto passou a ser coordenado pela assessoria de comunicação da UEPB (ORLANDO ÂNGELO, 2023).

<sup>23</sup> Disponível no *link*: <https://open.spotify.com/episode/3z05nC6lau2vpiy3LHNlxz>.

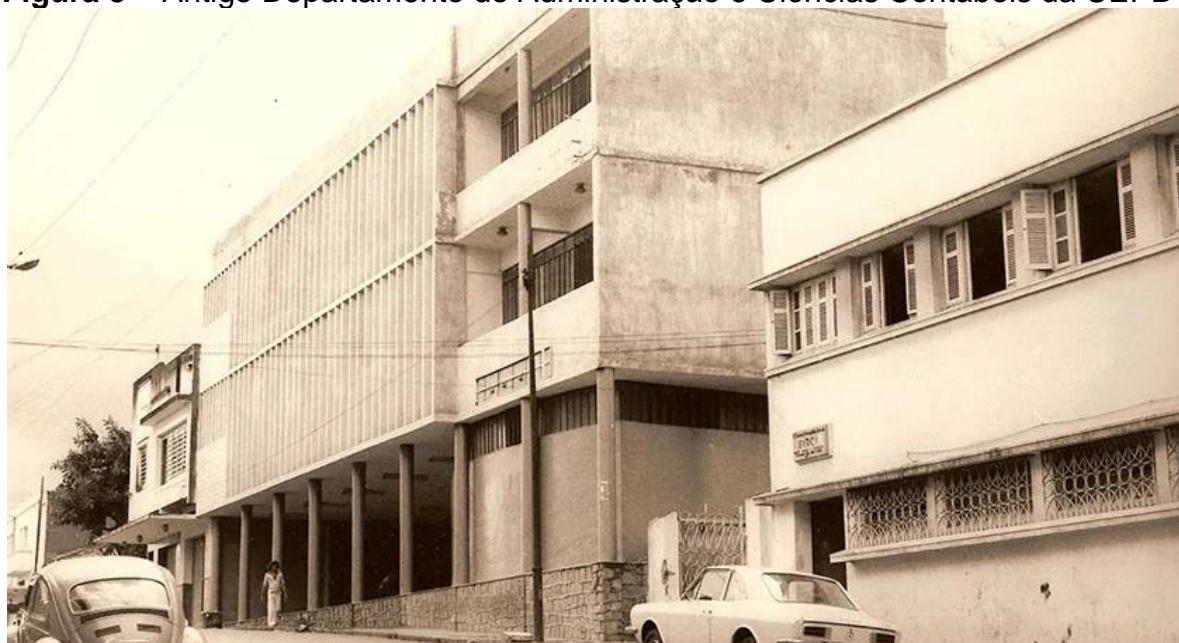
<sup>24</sup> O Festival de Audiovisual de Campina Grande – Comunicurtas UEPB está em sua 18ª edição e consiste em um evento de mostra competitiva de curtas metragens e demais trabalhos cinematográficos.

Como pode-se perceber o cineasta Machado Bittencourt foi um grande entusiasta cinematográfico e repórter fotográfico da Paraíba, que contribuiu intensamente para a formação do profissional da área, como também para o cinema e o fotojornalismo paraibano.

### **3.2 Os caminhos percorridos pelo Departamento de Comunicação Social (DECOM) da UEPB**

No que diz respeito aos locais que sediaram o curso de Comunicação Social - Jornalismo da UEPB, o professor Gilson Souto Maior informou que o departamento não possuía sede própria, as aulas iniciaram na antiga Escola Técnica Colégio Comercial Municipal, local onde funcionou, durante muitos anos, o curso de Administração e Ciências Contábeis, situada na Avenida Getúlio Vargas, no centro de Campina Grande.

**Figura 5** – Antigo Departamento de Administração e Ciências Contábeis da UEPB



Fonte: Site UEPB (2019).

Em seguida, as aulas do curso passaram a ser ministradas no antigo prédio do Colégio Anita Cabral, que, segundo Gilson, era popularmente conhecido como

Clube dos 200, e, conforme Sousa (2013)<sup>25</sup>, atualmente funciona o curso de Direito do Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) da UEPB.

**Figura 6** – Local onde funcionou o Colégio Anita Cabral



Fonte: Site UEPB (2019).

Depois o curso passou a funcionar no Colégio Diocesano Pio XI, na Avenida Getúlio Vargas, nº 426, no centro da cidade de Campina Grande. Conforme a reportagem de Roberto de Souza e produção de Érica Silva para a revista *Meio Século*,

durante boa parte da década de 70, por exemplo, um espaço do Colégio Pio XI foi cedido para permitir o funcionamento das atividades pedagógicas do curso que, na época, era Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (SOUZA; SILVA, 2022, p. 12).

Esse espaço cedido pelo antigo Colégio Diocesano Pio XI ficava no pavimento de cima do educandário, conforme informou Goretti Sampaio.

---

<sup>25</sup> Ailton Elisiário de Sousa publicou o livro *Reminiscências campinenses: crônicas* contendo a coletânea de crônicas de sua autoria publicadas no *Jornal da Paraíba* durante os anos de 1996 a 2010. Nessa crônica, intitulada *Direito em casa*, publicada no dia 23 de outubro de 2003, ele informa que no dia 11 de outubro do referido ano, dia do aniversário de Campina Grande, a UEPB recebeu por meio do governo do estado da Paraíba, o prédio do antigo Colégio Anita Cabral que outrora era pertencente à Prefeitura Municipal e que sedia o curso de Direito da UEPB.

**Figura 7 – Colégio Diocesano Pio XI**



**Fonte:** *Retalhos Históricos de Campina Grande* (2011).

De acordo com informações pesquisadas no *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, na época o gestor educacional do Colégio Pio XI foi o padre Genival Saraiva, durante os anos de 1975 a 1978.

Segundo Arimatéia Sousa: “facultou a utilização de parte do prédio para o funcionamento do Curso de Comunicação Social da extinta Universidade Regional do Nordeste (atual UEPB)”. Ainda nessa época, o professor Jacques Milfont, chegou a dirigir o Colégio, rapidamente (*RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE*, 27/08/2011).

O prédio onde funcionava o Colégio Diocesano Pio XI, atualmente funciona o Hospital Dr. Maia. Segundo Gilson Souto Maior, o DECOM também funcionou no antigo Colégio Coelho Lisboa, nas proximidades do campo do futebol do time do Treze de Campina Grande.

Goretti Sampaio afirma que, em seguida, o DECOM começou a funcionar no bairro São José, situado na Avenida D. Pedro I. Da mesma forma, a professora Fátima Luna relatou:

Quando ingressei na universidade, o curso de Jornalismo funcionava em um prédio pertencente ao Pio XI, da Igreja Católica, situado na Avenida Getúlio Vargas, mas foi só por um período. Logo, a Universidade conseguiu transferir para o bairro do São José, no passamos mais de duas décadas (*FÁTIMA LUNA*, 2023).

A permanência em prédio localizado no bairro São José favoreceu a melhorias estruturais em laboratórios, com equipamentos e artefatos conseguidos ao longo dos anos.

A conquista de um local próprio, situado no bairro do São José, sinalizava que passos largos estavam sendo dados em busca de uma estrutura adequada e capaz de abrigar os estudantes do departamento. A sede no São José ainda era carente em inúmeros quesitos, mas já representava um avanço nos recursos oferecidos, com a presença de laboratórios e equipamentos (SOUZA; SILVA, 2022, p. 12).

Um aspecto pelo qual merece ser destacado diz respeito à época em que o DECOM localizava-se no bairro São José ocorriam calouradas, muito famosas na cidade de Campina Grande, com espaços temáticos de diferentes gêneros musicais, saraus poéticos, mostras fotográficas, entre outras ações de mobilização universitária.

**Figura 8** – Departamento de Comunicação Social no bairro São José



**Fonte:** Acervo fotográfico de Paizinha Lemos.

O DECOM permaneceu no bairro São José, conforme informações do professor Orlando Ângelo, desde o ano de 1978 até o mês de agosto de 2012, ou seja, durante 34 anos<sup>26</sup> até mudar-se para a tão sonhada e esperada Central de

<sup>26</sup> É importante salientar que o curso de Comunicação Social - Jornalismo durante permanência no bairro São José vivenciou o período ditatorial militar e o processo de redemocratização da política brasileira, formando muitos profissionais de Jornalismo que estão em atuação no mercado jornalístico e no âmbito acadêmico, tanto no estado da Paraíba quanto nos demais estados brasileiros.

Aulas da UEPB, situada na sede do *Câmpus I* da instituição. “Nós tivemos uma andança tremenda do curso até encontrar essa sede aqui”, ressaltou Gilson Souto Maior, que chegou a compor a chefia departamental do DECOM e exerceu a docência no curso até o ano de 2016, quando se aposentou.

**Figura 9** – Departamento de Comunicação Social no bairro São José



**Fonte:** Acervo fotográfico de Paizinha Lemos.

Nesse sentido, atualmente o curso estabeleceu-se em lugar fixo, localizando-se na Central de Integração Acadêmica Paulo Freire (CIAc), situado na Rua Domitila Cabral de Castro, s/n, Bairro Universitário, Campina Grande - PB, CEP: 58.429-570.

Em 2012, quando foi integrado à Central de Aulas, o Departamento de Comunicação pôde desfrutar de um espaço moderno e que atende boa parte de suas necessidades. Uma parte dos equipamentos e móveis utilizados no São José foram reaproveitados, mas a renovação dos laboratórios, com estruturas completamente atualizadas e que correspondem às demandas contemporâneas do jornalismo possibilitam, hoje, uma experiência mais qualificada para o aluno (SOUZA; SILVA, 2022, p. 12).

Torna-se importante salientar que os cursos de graduação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e os cursos de graduação e pós-graduação, *latu senso* e *strictu senso*, do Centro de Educação (CEDUC) funcionavam de forma descentralizada pelos bairros da cidade de Campina Grande. Detendo-se aos cursos do CCSA, Administração e Ciências Contábeis funcionavam na Avenida Getúlio

Vargas, no centro da cidade e o curso de Comunicação Social - Jornalismo funcionava na Avenida D. Pedro I, no bairro São José, enquanto o curso de Serviço Social funcionava na Rua Antônio Guedes de Andrade, no bairro Catolé, nas proximidades do Açude Velho.

Os cursos do CEDUC eram subdivididos em CEDUC I e II. No CEDUC I, situado na Rua Antônio Guedes de Andrade, no bairro Catolé funcionavam os cursos de graduação em História, Geografia e Pedagogia, e o curso de especialização em História e Cultura Afro-Brasileira<sup>27</sup>. No CEDUC II, situado na Avenida Marechal Floriano Peixoto, no bairro Jardim Tavares, funcionavam os cursos de graduação em Filosofia e Letras - Língua Portuguesa, Letras - Língua Inglesa e Letras - Língua Espanhola; e os cursos de mestrado e doutorado em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI).

**Figura 10** – Central de Integração Acadêmica (CIAc) da UEPB



Fonte: Site da UEPB (2012).

A coordenadora de Estágio do DECOM, Salete Vidal, ao ser entrevistada pela estudante Larissa Silveira, para a produção do gênero jornalístico perfil para o e-book do projeto Meio Século sobre os docentes que encontram-se na ativa no DECOM, afirmou que: “No dia que deixamos o curso de Comunicação no bairro do

<sup>27</sup> Esse curso formou apenas duas turmas e não encontra-se em exercício.



São José, em agosto de 2012, quando subi na sacada desse prédio meus olhos encheram de lágrimas, isso é um sonho” (SALETE VIDAL, 2023 *apud* SILVEIRA, 2023, p. 78).

A Central de Aulas, como é popularmente conhecida, era um grande sonho para toda a comunidade universitária. Por meio da gestão da então reitora Marlene Alves de Souza Luna, e no dia 13 de agosto de 2012 esse sonho torna-se realidade. Dessa forma, os cursos do CCSA e CEDUC passam a localizar-se na CIAc, localizada ao lado da sede da reitoria do *Câmpus I* da UEPB, no bairro Bodocongó, junto aos cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) e Centro de Ciências e Tecnologia (CCT). Apenas o Centro de Ciências Jurídicas (CCJ) permanece, de forma isolada, no bairro Catolé. De certo modo, a promessa de Marlene Alves na campanha eleitoral de 2008, para o segundo mandato da reitoria da UEPB em realizar o sonho de construir uma cidade universitária na sede da reitoria, foi cumprida e o sonho (dela e de muitos docentes e discentes) foi realizado.

Vale ressaltar que na CIAc, o CCSA ganha um curso de pós-graduação *strictu sensu* que é o mestrado em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS), vinculado ao Departamento de Serviço Social (DSS). A primeira seleção ocorreu no ano de 2012 e a primeira turma inicia no ano seguinte, em 2013. Dessa forma, no ano de 2023 o PPGSS da UEPB comemora 10 anos.

### **3.3 O curso de Jornalismo da UEPB ontem e hoje**

O corpo docente do início do curso de Comunicação Social da UEPB consistia em trabalhadores da Comunicação sem formação acadêmica na área<sup>28</sup>. A primeira turma foi composta em 1974 e concluiu em 1977. Dessa forma, a partir do ano seguinte, os egressos tornaram-se docentes. Vale salientar que a fundação do curso na cidade, alavancou o trabalho do jornalismo campinense.

Raimundo Cavalcante fez parte da primeira turma do curso de Jornalismo e, logo em seguida, também compôs o corpo docente. Em entrevista para a primeira edição da revista *Meio Século*, ele afirma que a primeira turma se constituiu em cerca de 20 alunos e a maioria trabalhava na mídia impressa, radiofônica e televisiva

---

<sup>28</sup> Naquela época denominava-se o termo “profissionais de batente”.

e optaram por cursar a graduação em Jornalismo para buscar a consolidação na profissão.

Todos concluíram a graduação e grande parte tornaram-se professores do curso. De acordo com Raimundo Cavalcante, dos 20 jornalistas da primeira turma, a maioria se aposentou e 8 faleceram.

Eu não decidi virar professor, eu fui convidado. É tanto que eu já dava aulas, a turmas iniciantes quando eu já estava no último período, antes de terminar em setenta e sete eu já estava dando aula aos alunos novatos. Depois que me graduei, passei a dar aula a todos os períodos de Comunicação. Dei aula em vários lugares que o curso passou, e fui acompanhando, mas a maioria dos tempos foi lá no São José (CAVALCANTE, 2022 *apud* MOTA; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2022, p. 9).

Como é possível perceber nessa afirmação do professor aposentado, a necessidade de docentes era imensa e quem estava em fase de conclusão do curso já ministrava aulas nos períodos iniciais do curso. No dia 20 de novembro de 1978, o curso de graduação em Comunicação Social obteve reconhecimento legal por meio do Decreto Federal nº 82.673/78, publicado no Diário Oficial da União (DOU) em 21 de novembro de 1978, sendo o quarto curso de Jornalismo da região Nordeste.

Ao entrevistar o professor em exercício Orlando Ângelo a respeito de quanto tempo atua no DECOM, o docente afirmou que

desses 50 anos de criação do DECOM, participo da sua história até hoje, atuando, plenamente, como professor e coordenador do curso de Jornalismo. Portanto, como estudante e professor, estou no DECOM há 39 anos. Nesse contexto, fui coordenador de Comunicação nos dois últimos mandatos do reitor Sebastião Vieira, nos dois mandatos da reitora Marlene Alves, e um ano no primeiro mandato do reitor Rangel Júnior. Também participei como repórter da Assessoria de Imprensa no segundo mandato do reitor Itan Pereira, cuja coordenadora era Mariene Barros. No Departamento de Comunicação, exerci as funções administrativas possíveis, sempre através de eleições livres, democráticas e diretas. Fui coordenador de curso e chefe de departamento por vários mandatos. Também fui vice-diretor de faculdade quando o departamento passou por essa mudança. Graças ao DECOM fui Diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) por dois mandatos (ORLANDO ÂNGELO, 2023).

Torna-se mister evidenciar a respeito dos primeiros componentes curriculares ofertados no curso. O professor Rômulo Azevedo em entrevista a Hélio Andrade para reportagem da primeira edição da revista *Meio Século*, informou que: “o currículo tinha cinema, teatro, publicidade e propaganda, jornalismo impresso, jornalismo comparado, jornalismo cinematográfico, jornalismo de televisão, que virou

telejornalismo, paginação/diagramação” (AZEVEDO, 2022 *apud* ANDRADE, 2022, p. 10).

Em relação às lutas pela montagem dos laboratórios para o ensino técnico-operativo, Gilson Souto Maior durante entrevista para o projeto acadêmico *Meio Século*, afirmou que ocorreram muitos enfrentamentos e vivenciaram muitas problemáticas. Sobre a criação dos laboratórios de Radiojornalismo e Telejornalismo, o professor relata como eram as estruturas:

Ter um estúdio de rádio era uma dificuldade enorme. O primeiro estúdio de rádio foi um presente que eu consegui com Marconi Góes de Albuquerque, então diretor superintendente dos Diários Associados Executivos da Paraíba e de Jonatas Marrom, que era superintendente em Campina Grande. Eles me presentearam com uma mesa de áudio telefonk que foi da rádio Cariri, [...] ela foi presenteada quando fui chefe de departamento [...]. Foi um sucesso! Já estava ficando fora de moda, mas foi um sucesso. Então, as dificuldades foram muitas. Então, nesse percurso de 50 anos vocês calculem quantas dificuldades. A mudança para os novos equipamentos do estúdio de Rádio que tem dois aqui agora. A mudança [...] de equipamentos para a disciplina de Jornalismo Cinematográfico, a mudança que passou a existir, que teria que existir com a criação de um estúdio de televisão – não tinha equipamentos nenhum e a gente conseguiu. Eu pelo menos briguei conjuntamente com meus amigos aqui em 2015, uma briga danada com o reitor – uma briga danada no bom sentido –, exigindo os equipamentos foram adquiridos para vir pra cá e, resultado: nós trouxemos. E quem fazia Telejornalismo, disciplina que inclusive eu ministrei, [...] tem a condição de atuar com trabalhos práticos, diante, não apenas dos microfones, mas das câmeras também, e boas câmeras e bons equipamentos (GILSON SOUTO MAIOR, 2023).

O jornalista e professor Leonardo Alves, atuante, sobretudo, na área do jornalismo esportivo e do radiojornalismo, ao conceder entrevista ao aluno Roberto de Souza, para reportagem da primeira edição da revista *Meio Século*, também falou sobre os laboratórios e as evoluções ao longo do tempo:

Houve, sim, um aprimoramento. Na minha época mesmo [São José], os laboratórios tinham uma estrutura bem mais precária. Parte deles foi reaproveitada em alguns outros projetos na Central de Aulas, mas hoje, por exemplo, o estúdio de Telejornalismo tem uma boa estrutura, as câmeras são de grande qualidade, nem toda emissora de televisão da Paraíba tem câmeras como essas que estão disponibilizadas no curso. O estúdio, a acústica, os profissionais envolvidos: são técnicos específicos com ampla experiência. Da mesma forma no estúdio de rádio, que não deixa a desejar por nenhuma rádio aqui da Paraíba, tem uma boa acústica, tem uma estrutura boa, tem um grande profissional trabalhando (ALVES, 2002 *apud* SOUZA; SILVA, 2022, p. 13).

Foi primordial para à modernização do curso, o advento e avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ao longo do tempo. Sobre a

chegada de novos aparados técnicos e suas implicações no curso de bacharelado, o professor Orlando Ângelo afirmou o seguinte:

Com o advento das novas tecnologias, o departamento procurou se adaptar, como forma de proporcionar um ensino de qualidade aos nossos estudantes com vistas ao mercado de trabalho cada vez mais competitivo. Neste sentido promovemos concurso para professores nessa área e buscamos, com dificuldades, atualizar nossos equipamentos. Falta muito, mas, mesmo diante das dificuldades em termos laboratoriais em algumas áreas, estamos formando profissionais que têm se destacado no mercado de trabalho paraibano e, até, em outros estados. Continuamos trabalhando, muitas vezes incompreendidos, em busca de dotar nosso curso de equipamentos novos e modernos. Desde 1987, participo das fases de evolução do curso. Eu vi o primeiro computador chegar à secretaria do departamento e à redação do curso. Aliás, foi através da minha influência, juntamente com o professor Josibel Lins (de saudosa memória) junto ao então reitor Sebastião Viera que isso foi possível. Inclusive, o professor Sebastião sugeriu que, no período da tarde, o departamento promovesse um Curso de Informática destinado aos estudantes do DECOM e pessoas da sociedade. Isso foi feito. O professor desse curso era o jornalista Cícero Felix, que, à época era nosso aluno. O chefe de departamento era o professor Luiz Aguiar. Também no reitorado do professor Sebastião Viera foi instalado, no antigo DECOM, o que embrião do que é hoje o Laboratório Multimídia, também sob nossa influência. Na época, vários computadores e birôs foram comprados e colocados em sistema de redação em uma sala destinada par essa finalidade, sob a orientação da professora Águeda Cabral (*in memoriam*). Os atuais laboratórios de Radiojornalismo, Telejornalismo e Fotojornalismo também foram implantados em minha gestão juntamente com a professora Salete Vidal (chefe-adjunta). Vivi e participei de problemas e soluções ao longo desses 39 anos que faço parte do nosso DECOM. [...] Também foi na minha gestão como chefe de departamento que foi feito o filme *Tudo o que Deus criou*, de André da Costa Pinto; também várias edições do festival de cinema Comunicurtas; promovemos vários cursos de atores e roteiristas, movimentando a parte de artes do DECOM (ORLANDO ÂNGELO, 2023).

Atualmente o DECOM possui laboratórios de Projetos, Fotojornalismo, Secretaria e Ilhas de Edição, *Web* Rádio, Radiojornalismo, Telejornalismo, Multimídia, Projeto Gráfico e Redação, para que os estudantes possam atrelar conhecimentos teóricos e práticos no cotidiano da formação acadêmica e profissional. “No ano de 2017, foram inauguradas novas estruturas para os laboratórios de telejornalismo e radiojornalismo, além da inauguração do laboratório de *Web* Rádio e do laboratório de Projeto Gráfico e *Design* Editorial” (SOUZA; SILVA, 2022, p. 13).

Conforme Goretta Sampaio, que ingressou no curso como discente em 1977 e concluiu em 1980 e, em seguida, tornou-se docente do DECOM, o curso de Jornalismo da UEPB apresenta outra realidade de laboratórios, de perspectiva de

veiculação, mas que no decorrer dos anos foram muitos desafios enfrentados na área docente e administrativa e do ponto de vista técnico. Para a professora,

[...] foram muitos desafios, porque era uma universidade ainda desprovida de laboratórios, de um espaço físico mais adequado, mas me ofereceu, por outro lado, a minha melhor formação profissional. [...] Dificuldades tínhamos muitas, porque a gente não tinha laboratório, a gente ainda era do tempo do sistema analógico, nada era digital, a gente trabalhava com fita K7, com fita de rolo. Era tudo muito difícil para a gente por em prática esse material. [...] Lá no São José já foi, digamos, um avanço muito grande para o curso de Comunicação Social ter o seu próprio espaço e lá foram sendo construídos ambientes de laboratórios, as salas de aula meio precárias, mas naquela época eu lembro que a gente tinha um nível de perspectiva profissional mais amplo. Eu penso que a gente, como ainda não tinha as redes sociais, *internet* [...] tudo se centralizava nos meios de comunicação de massa, rádio, jornal e TV e poucos do cinema. Então, a nossa linha de atuação sempre era focada pra esses campos. E aí os laboratórios foram criados nessa perspectiva, diferentemente do que é hoje aqui<sup>29</sup> (GORETTI SAMPAIO, 2022).

Vale ressaltar que Goretti Sampaio coordenou durante 12 anos um programa radiofônico no DECOM, o *Gente Nossa*, que consistiu em um projeto de construção de memória dos artistas paraibanos. O projeto, de caráter extensionista, teve muita visibilidade, no âmbito departamental, bem como na UEPB, por se tratar de assuntos relacionados à cultura, área de pesquisa da professora. Ao todo foram realizados 71 programas. No último, a homenageada foi a referida professora, tornando algo marcante para a docente.

---

<sup>29</sup> Em referência à Central de Aulas, haja vista que a entrevista para o *podcast* do projeto Meio Século, foi realizada no Laboratório de Radiojornalismo do DECOM/UEPB.

**Figura 11** – Programa *Gente Nossa*



**Fonte:** Acervo fotográfico de Inaldete Almeida no *Facebook*.

Hodiernamente o corpo docente do curso de Jornalismo é constituído por 20 professores do quadro efetivo, além de alguns professores substitutos. Compõe ainda o quadro de servidores 8 técnicos-administrativos que prestam auxílio aos docentes e discentes. Como espaço físico são 10 salas de aula, 12 projetores próprios para a reprodução de mídias e 45 computadores distribuídos nos espaços laboratoriais, além de 2 computadores disponíveis para acesso na Biblioteca da CIA I, situada no 1º andar da CIAc, para acessar o vasto acervo do curso de Jornalismo, incluindo materiais bibliográficos, TCCs (monografias e artigos científicos), periódicos e publicações digitais que podem ser consultadas no acervo *on-line* do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em 2016, foram contabilizadas 1.501 obras existentes, somando um total de 4.925 volumes disponíveis (SOUZA; SILVA, 2022).

Conforme verifica-se nesses dados, o DECOM evoluiu em relação à outrora. No entanto, faz-se necessário lutar por mais melhorias com o intuito de solidificar ainda mais a qualidade do ensino do curso de Jornalismo da UEPB. Em termos de estrutura formativa, no ano de 2016 ocorre um aperfeiçoamento na grade curricular do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) devido a reforma nacional curricular instituída pelo MEC para os cursos de Jornalismo, no ano de 2013.

O MEC encaminhou a proposta ao Conselho Nacional de Educação (CNE), o qual, em fevereiro de 2013, aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo. Finalmente, foi publicada, no dia 1 de outubro de 2013, no Diário Oficial da União, a Resolução CNE/CES 1/2013 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo, bacharelado, que devem ser observadas pelas instituições de ensino superior na perspectiva de sua organização curricular. [...] Justifica-se ainda que o Projeto Pedagógico para o novo curso de Jornalismo está inserido dentro desse contexto amplo que compreende as exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Jornalismo de 2013 do Ministério da Educação, do Projeto de Desenvolvimento Institucional da UEPB, do Projeto Pedagógico Institucional e do novo Regimento dos Cursos de Graduação da UEPB de 2015 (PPC, 2016, p. 28-29).

Dessa maneira, a nomenclatura do curso de bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, muda passando a ser denominado unicamente como curso de Jornalismo.

O cenário atual é marcado pela crescente necessidade de que os cursos de Jornalismo se tornem ainda mais qualificados para contribuir e, por consequência, consolidar o fortalecimento do campo jornalístico no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. Com o fim dos cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, sinalizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e a criação dos Bacharelados em Jornalismo, a proposta atual atende a essa especificidade, embora não perdendo a dimensão comunicacional que constitui o campo e o contexto das teorias e das pesquisas comunicacionais. Neste sentido, busca-se a valorização das competências inerentes ao fazer jornalístico e o senso crítico para um exercício ético da profissão (PPC, 2016, p. 29).

A partir do ano de 2017, os estudantes ingressam no curso de graduação pelo Sistema de Seleção Unificada (SiSU) por meio de notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano de 2016. O último vestibular da UEPB ocorreu em 2013, para ingresso no curso no ano de 2014, com 50% das vagas, sendo as outras 50% por meio do SiSU/ENEM<sup>30</sup>.

A primeira turma do curso de Jornalismo, após a mudança de nomenclatura, conclui a graduação no período letivo 2021.2 no mês de abril de 2022, devido a pandemia da COVID-19, quando houve a suspensão das aulas presenciais desde o dia 17 de março de 2020 até o mês de março de 2022. Por conta disso, as aulas passaram a ser ministradas de forma remota a partir do dia 03 de agosto de 2020,

---

<sup>30</sup> Desde 2012 que a UEPB adota a nota do ENEM para parte das vagas nos cursos de graduação da Instituição. Em 2014, a Universidade adota apenas o ENEM como critério de seleção para ingresso dos alunos no ano de 2015 perdurando até os dias atuais. Na época do vestibular, eram ofertadas 35 vagas, por semestre, para os turnos diurno e noturno do curso de Comunicação Social. Atualmente ocorreu uma política de ampliação de vagas nos cursos de graduação da UEPB e são ofertadas 40 vagas por semestre letivo nos turnos citados anteriormente.

até o dia 30 de março de 2022. A retomada das aulas presenciais teve início no dia 25 de abril de 2022.

Gilson Souto Maior reforça a grandiosidade de uma história de 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB como um fazer de relevância para o desenvolvimento da imprensa local e do estado, bem como para a história do ensino superior de Jornalismo no Nordeste e no Brasil.

Meio século é um presente, não somente pra nós que começamos essa história, ele é um presente para a universidade, ele é um presente para os alunos de ontem que aqui se formaram, que fui da primeira turma e para os alunos que estão hoje concluindo, porque muitos estarão concluindo o curso quando o curso estiver completando meio século, pois uma data representativa por demais para o curso mostra a força de sua existência, mostra a força da universidade. Até porque esse curso de Comunicação foi um dos primeiros cursos de Jornalismo do nosso Nordeste, incluindo capitais, nós tínhamos curso de Comunicação na Bahia, Brasília, Recife e Fortaleza e veio Campina Grande. [...] E Campina Grande foi a primeira cidade do interior do Norte e Nordeste, e creio até do Brasil, a ter um curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo. Então, com 50 anos de existência, mostra que apesar das dificuldades, falta de equipamentos, com o passar do tempo a evolução tecnológica chegando e a gente precisando mudar. [...] Nós enfrentamos essas mudanças, nós enfrentamos as dificuldades de mudar isso tudo [...] (GILSON SOUTO MAIOR, 2022).

Como pode-se perceber o curso tem início num período conturbado da história brasileira e atualmente é responsável pela formação profissional de vários profissionais da área com ampla qualificação profissional à serviço da comunidade, deixando, assim, um grande legado para a comunicação paraibana, regional e nacional. O professor Orlando Ângelo ressalta acerca da contribuição do curso de Jornalismo no âmbito da Comunicação,

Nosso curso formou, ao longo de sua história, excelentes profissionais para o mercado de trabalho paraibano, nordestino e brasileiro [...] inclusive exporta jornalistas para João Pessoa, que também tem um curso de Jornalismo, e para outros lugares do Brasil. Temos egressos do nosso curso em praticamente todas as plataformas de comunicação da Paraíba. Temos o jornalista Daniel Brito, formado aqui no Jornalismo da UEPB, que, atualmente, é assessor de imprensa do Comitê Paralímpico Brasileiro. Vários de nossos ex-alunos já foram premiados nacionalmente. Tivemos três profissionais do nosso curso que foram ganhadores do Prêmio Esso, uma das premiações mais importantes do país. O jornalista Cícero Félix, um dos mais conceituados programadores visuais do país, foi o mais recente premiado. É muito difícil citar nomes. Sei que cometi injustiças, mas foi por esquecimento. O importante que formamos jornalistas competentes e valiosos ao longo da história. No aspecto acadêmico, temos vários ex-alunos com o título de Doutor, exercendo a docência em várias instituições universitárias do Brasil (ORLANDO ÂNGELO, 2023).



É notório perceber o quanto o curso de Jornalismo da UEPB possui a função social, acadêmica e científica de formar profissionais competentes para o mercado de trabalho jornalístico contribuindo para o pleno exercício profissional com dedicação e, sobretudo, respaldo técnico-operativo. Muitas produções acadêmicas e midiáticas são realizadas pelos alunos, tais como: reportagens, fotorreportagens, livros-reportagens, documentários audiovisuais, *podcasts*, programas radiofônicos e televisivos, jornais, crônicas, perfis, revistas, entre inúmeros trabalhos inerentes ao exercício jornalístico para cumprimento dos componentes curriculares do curso. A revista *Baraúnas*, por exemplo, consiste num periódico semestral produzido pelos alunos de Estágio Supervisionado desde 2016, tendo como orientador e editor o professor Arão Azevedo.

No que diz respeito aos grupos de pesquisa têm-se os seguintes: Comunicação, Memória e Cultura Popular, sob a liderança da professora Ingrid Fachine; Comunicação, Cultura e Desenvolvimento, liderados pelos professores Luiz Custódio e Cidoval Moraes; Linguagem e Comunicação, coordenado pelo professor Moisés Araújo; o Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (MOBJOR), liderado pelo professor Fernando Firmino.

Sobre os projetos de extensão do DECOM têm-se os seguintes: Observatório de Jornalismo Cultural (OBJORC); Projeto Repórter Junino: cobertura multiplataforma do São João de Campina Grande e do Nordeste na construção da memória da cultura popular; Revista *Anti-Horário*; Redes, vozes e rendas: jornalismo cultural e assessoria de comunicação como instrumentos de divulgação, desenvolvimento e visibilidade das produções das rendeiras da Paraíba; Desafio Anti-Horário: registros fotográficos de soluções que ajudam a alcançar os ODS; Luz Negra: jornalismo antirracista; Coletivo F8: *site* de fotojornalismo; Cinema de Bairro: difusão da produção audiovisual paraibana nas SABs de Campina Grande; e APAE Campina Grande - uma gestão da comunicação organizacional.

Em relação ao programa de extensão, no ano de 2023, o DECOM foi contemplado com o Campina Cultural, na qual consiste no desenvolvimento de atividades jornalísticas e culturais na região geográfica imediata de Campina Grande. Possui 5 projetos, que são: Tropeiros, Conversa de Calçada, Indaiá, Maroca e Poroca.

A respeito dos eventos realizados pelo departamento têm-se o Seminário os Festejos Juninos no Contexto da Folkcomunicação e da Cultura Popular (Folkcom),

que em 2023 realizou a 18ª edição, organizado pelo professor Luiz Custódio e a Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom), e o Grão Fino – Semana de Fotografia, que realizou a 6ª edição, em 2023, organizado pelos professores de Fotografia do curso de Jornalismo da UEPB, Agda Aquino e Rostand Melo, como também pelos professores Paulo de Figueiredo Júnior e Cristianne Amorim do curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A Grão Fino está vinculada ao projeto de extensão Coletivo F8: *Site de Fotojornalismo da UEPB*.

Torna-se mister ressaltar o Centro Acadêmico que representa os estudantes do da supracitada graduação. Anteriormente era denominado como Centro Acadêmico de Comunicação Social (CACOS) e atualmente é Centro Acadêmico de Jornalismo (CAJOR). Tinha como homenageado o jornalista Vladimir Herzog e, recentemente, desde o ano de 2023, a nomenclatura do CAJOR é: Centro Acadêmico de Jornalismo Professor Luiz Custódio.

Vale ressaltar acerca dos docentes que no ano do cinquentenário compõem a administração do curso. São eles: Salete Vidal (chefe de departamento) e Luís Adriano Costa (chefe-adjunto); Orlando Ângelo (coordenador) e Rostand Melo (coordenador-adjunto). O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso é composto por Ada Guedes, Agda Aquino (presidente), Luís Adriano, Moisés Araújo e Rostand Melo.

### **3.4 A Coordenadoria de Comunicação (CODECOM)**

Com a consolidação do curso de Jornalismo da UEPB e a relevante contribuição na Comunicação Social, surgiu a necessidade da criação de um setor de informações de notícias sobre a Universidade. Assim, foi criada a Coordenadoria de Comunicação (CODECOM) da UEPB que consiste no setor de serviço de assessoria de comunicação da Universidade responsável por informar as ações e notícias do estabelecimento educacional, através de textos, fotografias, vídeos, recursos de radiofônicos e publicitários, entre outras especificidades inerentes ao Jornalismo da Instituição. É composta por 16 profissionais da Comunicação Social e possui *site* de notícias, TV, rádio, núcleo de criação, equipe de reportagem, fotografia, edição e assessoria.

Em parceria com a Rede Paraíba de Comunicação, a Universidade tem o programa *CBN Universidade*, veiculado na rádio *CBN Campina 103.5 FM* e reproduzido por meio da TV UEPB, do canal Rede UEPB, na plataforma do *YouTube*. A coordenação geral da CODECOM é do Jornalista Hipólito de Sousa Lucena. A sede da CODECOM é localizada no centro administrativo da universidade, primeiro andar das pró-reitorias, situada na Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB, CEP 58429-500.

Pode-se afirmar que a CODECOM constitui-se como um dos melhores setores para graduandos do curso de Jornalismo da UEPB realizarem os estágios curriculares, haja vista a gama de áreas jornalísticas nas quais os concluintes têm oportunidade de conhecer durante o ensino-aprendizagem do cotidiano prático do Jornalismo.

### **3.5 Homenagem póstuma aos eternos docentes que contribuíram ao longo dos 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB**

Torna-se importante destacar a importância de professores do DECOM da UEPB que contribuíram para a formação acadêmica e profissional de diversos profissionais da Comunicação, tanto da Paraíba quanto de outros estados brasileiros. A esse respeito, alguns professores partiram para o plano espiritual e deixaram saudosas memórias ao longo dos 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB.

Um dos exemplos é Machado Bittencourt, renomado jornalista, cineasta e repórter fotográfico paraibano. Nasceu no interior do Piauí e, aos 18 anos, foi para Campina Grande, no ano de 1960, onde iniciou o curso de Direito na URNE, atualmente UEPB. Entretanto, devido a sua participação em movimentos sociais contra a ditadura militar, perdeu a matrícula por causa de uma suspensão. Durante esse período realizou um trabalho fotojornalístico acerca do massacre das Ligas Camponesas ocorrido no município de Sapé - PB.

Em 1968, devido ao Ato Institucional nº 5, exilou-se no Uruguai. Ao voltar para o Brasil, trabalhou na área de fotografia em João Pessoa e, em seguida, volta para Campina Grande para estudar na turma pioneira do curso de Comunicação Social da URNE, no ano de 1974, tornando-se, anos depois, professor dos componentes curriculares Técnicas de Cinema e Jornalismo Cinematográfico na Instituição.

Trabalhou no jornal *Correio da Paraíba* e na TV Borborema. Nesse mesmo ano cria "A Cinética Filmes LTDA", que funcionou até 1985.

Bittencourt foi um grande visionário do cinema paraibano. Produziu vários filmes, documentários, reportagens cinematográficas, ficções, propagandas políticas e comerciais. Dentre os trabalhos mais conhecidos, tem-se a primeira produção denominada *A Feira* (documentário produzido em 1967, na qual aborda sobre a feira de Campina Grande), o filme *Parahyba*, entre outras inúmeras produções nas quais ganharam diversas premiações renomadas no cenário nacional e mundial. Por conta desses feitos no âmbito comunicacional, tornou-se patrono da cadeira nº 28 da Academia Paraibana de Cinema.

Em entrevista realizada com o professor do DECOM, Massilon Gonzaga, sobre o trabalho de Machado Bittencourt na Universidade, este, por sua vez, afirmou que:

não cheguei a fazer filme com ele, mas trabalhamos juntos. Tanto foi meu professor, quanto ele tinha um dos primeiros estúdios de gravação de propaganda e de *jingle*. Trabalhei muitas vezes no estúdio dele gravando voz para disco comercial. Foi um profissional muito bom e dedicado. Fez filmes com alunos da UEPB, a exemplo de *O caso Carlota*. Eu gostava muito dele, porque ele amava tudo que fazia (MASSILON GONZAGA, 2022).

Faz-se importante mencionar a docente Maria José Cordeiro de Lima, conhecida como Mara, bastante querida pelos colegas e alunos, tinha muita dedicação aos projetos que desenvolvia na Universidade. A jornalista Roberta Angelim foi aluna de Mara e relembra como a professora era em sala de aula:

O que mais se destacava em Mara, era que ela deixava a gente sonhar, mas, com muita calma, sempre mostrava como era a realidade da profissão. Conseguia transmitir os conteúdos com clareza, trabalhava de forma dinâmica nas aulas, incentivava a nossa criatividade nos seminários, esclarecia nossas dúvidas. Era uma professora muito positiva, que podíamos contar com ela e que acreditava na gente (ROBERTA ANGELIN, 2022).

Mara lecionou no DECOM de 1998 até 2004. Anos depois ensinou no *Câmpus V*, em outro curso de graduação.

Vale ressaltar a marcante contribuição da jornalista Águeda Cabral, apaixonada pela cultura popular e pelas novas tecnologias de informação. Em 2006 se integrou ao projeto Repórter Junino, criado pelo professor Fernando Firmino, em

2005, constituindo, assim, numa grande parceria. Tal projeto de formação universitária é reconhecido como um dos maiores do curso, em tempo de vigência e por aprimorar o conhecimento prático dos estudantes de Jornalismo da UEPB, aperfeiçoando-os para a carreira profissional. Ao entrevistar o docente Fernando Firmino sobre a parceria com Águeda, ele afirmou o seguinte:

Nossa parceria foi fantástica. Eu diria que o Repórter Junino não foi mais o mesmo após o falecimento de Águeda. Eu todo ano sinto que falta algo. Essa ausência é de Águeda, porque todo ano discutíamos a edição do projeto, as mudanças e tudo isso. Claro que diversos colegas professores vêm colaborando imensamente com o projeto, mas falo de uma parte orgânica do projeto que se foi. Por mim, todo ano a realização do projeto é uma forma de homenageá-la. A falta é imensa da dedicada professora e eterna amiga (FERNANDO FIRMINO, 2022).

Firmino destacou que Águeda além de companheira de departamento foi uma grande amiga. Tornaram-se amigos desde 2001, quando cursaram o mestrado em Ciência da Informação na UFPB. Posteriormente, prestaram concurso público para a UEPB, em 2003, e ambos foram aprovados. Ao perguntar sobre os momentos mais marcantes, Fernando Firmino destacou que

os momentos que mais me lembro de Águeda era ela sempre sorrindo e de uma força enorme para as adversidades. O traço mais marcante era a paixão total pelo ensino, pela docência, pelos alunos, pela sala de aula. Lembro que, mesmo com o câncer avançado e internada nos últimos dias de vida, ela ainda se preocupava com os alunos, com as orientações. De certa forma, essa era a vida dela. A sala de aula era o habitat natural de Águeda (FERNANDO FIRMINO, 2022).

Outro professor que merece destaque é Altamir Araújo Guimarães, popularmente conhecido como Mica Guimarães, foi radialista e assessor de imprensa da Prefeitura Municipal de Campina Grande. Conhecido como profissional de muita inteligência e bom humor, era bastante conhecido pelos textos que produzia. Escreveu crônicas de riquíssima produção literária, publicadas em portais, revistas e jornais. “Lembro de Mica fazendo discurso para o prefeito falar ao público de Campina Grande no fim de ano. Era um texto maravilhoso. Muitas saudades de Mica!”, expressou, com muito saudosismo, o professor Massilon Gonzaga (2022).

Torna-se importante destacar que Massilon lembrou a respeito de outras personalidades marcantes que fizeram parte do corpo docente do curso de

Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, tais como: Humberto Campos, considerado um dos grandes radialistas e narradores de futebol de Campina Grande; Tarcísio Cartaxo, jornalista do *Jornal da Paraíba* e de outros veículos de comunicação; Paulo Rogério, um dos primeiros apresentadores de telejornal ao vivo da TV paraibana, foi diretor da TV Borborema, da antiga Rádio Borborema e Rádio Cariri. A professora Ana Luísa também teve grande participação no curso. De acordo com Fátima Luna, Ana Luísa foi editora do jornal *Gazeta do Sertão*. “Lembro-me de uma pauta que realizei e que meu texto foi publicado, na íntegra, na primeira página. Era uma pessoa maravilhosa, inteligente e humilde” (FÁTIMA LUNA, 2022).

Karina Araújo também faz parte da história do curso, ela trabalhou como jornalista em Campina Grande e fez parte do corpo docente do DECOM. Em relação ao professor Chico José, como era popularmente conhecido, foi sinônimo de zelo e compromisso com o Jornalismo, lecionou no DECOM e fez parte da CODECOM durante vários anos, como também trabalhou em diversos veículos de comunicação de Campina Grande.

Alguns docentes fizeram parte da gestão do DECOM, dentre os quais: o ex-frade Simão Arruda, que foi diretor, vice-diretor e coordenador de departamento e Jaldete Soares, chefe e coordenadora de departamento, professora do DECOM de 1980 até 2013, foi editora do *Jornal da Paraíba*, como também integrou as associações paraibana e campinense de imprensa e o Sindicato dos Jornalistas da Paraíba.

Para tanto, pode-se afirmar que esses professores mencionados nesta reportagem tiveram relevantes serviços prestados à comunidade, ao DECOM e, principalmente, na formação acadêmica e profissional de jornalistas egressos da UEPB. De fato, esses memoráveis docentes plantaram sementes, regaram e, desse modo, deixaram um grande legado aos profissionais de Comunicação Social, visto que, beberam da fonte dos conhecimentos científicos e comunicacionais, por meio dessas preciosidades acadêmicas, tornando-se, de certa forma, inesquecíveis e eternos. Desse modo, todos que tiveram a oportunidade de conhecer esses professores guardam grandes recordações. Portanto, esses saudosos docentes, merecem os mais singelos gestos de gratidão pela valiosa contribuição e dedicação ao DECOM da UEPB.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em pesquisar acerca dos 50 anos do curso de Jornalismo da UEPB no ano do jubileu de ouro, foi uma proposta inovadora, como também ousada para o DECOM, tendo em vista a carência de registros históricos e fotográficos. Afinal, a luta foi enorme em procurar professores, alunos e egressos dispostos a contribuir com esse registro histórico. No entanto, de uma forma ou de outra a intensão ousada dessa pesquisa histórico-acadêmica foi, de certo modo, desenvolvida e concretizada. Além disso, poderá ser enriquecida, posteriormente, com mais fontes e depoimentos a respeito da história do curso de graduação.

Para tanto, pode-se afirmar que há 50 anos o curso de Jornalismo da UEPB contribui para a formação acadêmica e profissional de jornalistas tanto da Paraíba quanto dos demais estados brasileiros, principalmente estudantes oriundos dos estados de Pernambuco (com maior número de alunos em relação aos outros estados, além da Paraíba) e Rio Grande do Norte. Profissionais da Comunicação egressos da UEPB ocupam os mais variados espaços do jornalismo, seja na gestão de empresas jornalísticas, no rádio, na TV, nas redações, mídias digitais, cinema, *marketing*, entre outros inúmeros setores sócio-ocupacionais inerentes ao exercício da Comunicação Social.

Desde a ditadura, quando o curso de graduação iniciou em Campina Grande, aos dias atuais, diversos acontecimentos sociais, econômicos e políticos ocorreram no Brasil e no mundo e o curso de graduação em Jornalismo da UEPB continua desempenhando o exercício de formar profissionais competentes, éticos e comprometidos com as transformações sociais. Como o referido curso encontra-se inserido em uma universidade pública e de qualidade, é necessário primar e ampliar, ainda mais, os três pilares de uma universidade que consiste no ensino, na pesquisa e na extensão.

Embora, tenha avançado bastante em relação à outrora, torna-se mister acreditar e, acima de tudo, lutar por melhores condições laboratoriais e ampliação de instrumentais para consolidação do ensino técnico-operativo da graduação em Jornalismo. Além disso, torna-se necessário proporcionar o pleno aperfeiçoamento para as atividades relacionadas à pesquisa científica durante o processo de formação universitária, viabilizando maior participação dos estudantes em congressos com publicações de artigos científicos.

Também se faz importante angariar o ensino do Jornalismo no âmbito da pós-graduação da UEPB, com a finalidade de consolidar ainda mais a pesquisa em Comunicação. É anseio dos alunos pesquisadores do departamento, maior incentivo, apoio, ampliação e realização de eventos acadêmicos promovidos pelo DECOM para aperfeiçoamento e solidificação da pesquisa, promovendo a troca de saberes entre os estudantes de Jornalismo e demais habilitações da Comunicação Social das demais universidades e faculdades brasileiras e, até mesmo, internacionais.

Torna-se mister salientar que é necessário apoiar e incentivar importantes pesquisas como esta, a fim de que nos próximos 50 anos possa ser comemorado o centenário do curso com concretude e zelo nas memórias marcantes do curso de Jornalismo por parte do DECOM. Um estudante de Jornalismo plantou essa semente, durante o jubileu de ouro, para realização de uma pesquisa monográfica, com o objetivo de registrar, conforme informações obtidas, a história do curso que proporciona formação acadêmica e profissional aos futuros profissionais da Comunicação. Para tanto, faz-se necessário que isso possa ser continuado por mais estudantes ou professores que primam pela importância de proporcionar nostalgia através das memórias e tessituras e, assim, enriquecer os acervos históricos da academia. Afinal, exercer o ato da comunicação também é registrar reminiscências históricas.

Portanto, no que concerne à relevância deste trabalho, torna-se imprescindível afirmar que, no tocante à história do curso de Jornalismo da UEPB, essa pesquisa se fez pertinente em função de seus resultados alcançados, ao contribuírem para o desvelamento do real, haja vista que podem subsidiar pesquisas futuras e reflexões no âmbito do ensino do exercício jornalístico.

Desse modo, vale destacar que tal pesquisa contribui para a importância do pleno enriquecimento científico ao universo acadêmico no tocante aos docentes e discentes do DECOM, bacharéis e jornalistas em pleno exercício profissional egressos da UEPB, que possibilitam a formação da cidadania e da emancipação humana, com ética e primazia por meio da informação, como também comporá o acervo histórico tanto da Universidade, do departamento em destaque, como também marcando e consolidando a história da comunicação paraibana, primando, assim, pelo enriquecimento histórico-cultural do curso de graduação em Jornalismo da UEPB.



## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Hélio. O nascimento do curso há quase meio século. *In*: **Meio Século Jornalismo**. Edição 1, v. 1, Turma 2022.1, 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 910, de 30 de novembro de 1938**. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-910-30-novembro-1938-349925-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 set. 2023.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.480, de 13 de maio de 1943**. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5480-13-maio-1943-415541-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 set. 2023.

FONSECA, Cleomar Campos da; MACEDO, Geórgia Dantas; VIEIRA, Julliana Keith de Sá. Resgate histórico do Curso de Serviço Social no Município de Campina Grande: a sua incorporação à esfera universitária a partir do surgimento da Universidade Regional do Nordeste – URNE. *In*: FÉRRIZ, Adriana Freire Pereira; PATRIOTA, Lúcia Maria; SILVEIRA, Sandra Amélia Sampaio. (Orgs.). **O Curso de Serviço Social da UEPB: elementos para uma análise histórica e teórico-metodológica**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Construindo a Profissão de Jornalista: Cásper Líbero e a Criação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil. *In*: **Anais**. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LISBOA, Magno da Nóbrega. **Juventude negra na roda de capoeira: resistência e participação social em Juazeirinho** - PB. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

LUIZ, Janailson Macêdo. **Luz para a sua gente e para sua terra: notas sobre a história da UEPB**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

MARQUES DE MELO, José. Os primórdios do ensino de Jornalismo. *In*: **Estudos de Mídia**. v. 1 n. 2, 2004.

MARQUES DE MELO, José. O ensino de Comunicação: os desafios da sociedade contemporânea. *In*: MATTOS, Sérgio. **Comunicação Plural**. Salvador. EDUFBA, 2007.

MATTOS, Sérgio. **Comunicação Plural**. Salvador. EDUFBA, 2007.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**: 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MOTA, Raiza; OLIVEIRA, Juliana; ALMEIDA, Laura. Raimundo Calvalcante: de primeiro aluno a professor. *In: Meio Século Jornalismo*. Edição 1, v. 1, Turma 2022.1, 2022.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. Paris, Gallmard, 1984. Tradução Yara Aun Khoury, Proj. História, São Paulo, n. 10, dez., 1993.

NUZZI, Erasmo de Freitas. **História da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero**. Edição comemorativa do cinquentenário. Fundação Cásper Líbero. Agil Gráfica, 1997.

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO PPC: Jornalismo (Bacharelado) / Universidade Estadual da Paraíba CCSA; Núcleo Docente Estruturante. Campina Grande: EDUEPB, 2016.

SILVA, Alcione Ferreira da. **Deu branco na Lei 10.639/03: silêncios sobre a educação para as relações étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos**. Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-brasileiras) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

SILVEIRA, Larissa. Perfil Salete Vidal. *In: CARDOSO, Rackel. (Org.). Meio Século de Jornalismo UEPB*. Campina Grande: EDUEPB, 2023.

SOARES, Allan. A cada década o curso de Comunicação Social renova-se e projeta-se para o futuro: no ano de bodas de rubi, homenageamos tudo o que já foi conquistado pelo DECOM/UEPB. *In: Foccus*. Publicação do Departamento de Comunicação Social da UEPB. Edição extra. jun./dez, 2012.

SOUSA, Ailton Elisiário de. Direito em casa. *In: SOUSA, Ailton Elisiário de. Reminiscências campinenses: crônicas*. Campina Grande, Latus, 2013.

SOUZA, Roberto de; SILVA, Érica. Pilares do curso de Jornalismo. *In: Meio Século Jornalismo*. Edição 1, v. 1, Turma 2022.1, 2022.

SOUZA, Maria Leite de. *et al.* Resgate histórico do Curso de Serviço Social no Município de Campina Grande: surgimento e desenvolvimento até sua inserção no âmbito universitário. *In: FÉRRIZ, Adriana Freire Pereira; PATRIOTA, Lúcia Maria; SILVEIRA, Sandra Amélia Sampaio. (Orgs.). O Curso de Serviço Social da UEPB: elementos para uma análise histórica e teórico-metodológica*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. **Memória educacional: o Pio XI**. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/08/memoria-educacional-o-pio-xi.html>. Acesso em 17 nov. 2023.